

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 30/10/2019.



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

Campus Presidente Prudente

ELAINE MUSSI HUNZECHER QUAGLIO

**TDIC E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM AMBIENTE HOSPITALAR:
REALIDADE, SONHOS E POSSIBILIDADES!**

Presidente Prudente

2017

ELAINE MUSSI HUNZECHER QUAGLIO

TDIC E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM AMBIENTE HOSPITALAR:
REALIDADE, SONHOS E POSSIBILIDADES!

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), nível de Mestrado, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Schlünzen Junior.

Linha de pesquisa: Processos Formativos, Ensino e Aprendizagem.

Presidente Prudente

2017

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Aquisição e Tratamento da Informação - Diretoria
Técnica de Biblioteca e Documentação - UNESP, Campus de Presidente Prudente

Q21t Quaglio, Elaine Mussi Hunzecher.
TDIC e mediação pedagógica em ambiente hospitalar : realidade, sonhos e possibilidades! / Elaine Mussi Hunzecher Quaglio. - Presidente Prudente : [s.n.], 2017
252 f.

Orientador: Klaus Schlünzen Junior
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

1. TDIC. 2. Educação não formal. 3. Educação hospitalar. I. Schlünzen Junior, Klaus. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. III. Título.

Alessandra Kuba Oshiro Assunção
CRB-8/9013



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Presidente Prudente

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: TDIC E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM AMBIENTE HOSPITALAR:
REALIDADE, SONHOS E POSSIBILIDADES!

AUTORA: ELAINE MUSSI HUNZECHER QUAGLIO

ORIENTADOR: KLAUS SCHLUNZEN JUNIOR

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela
Comissão Examinadora:


Prof. Dr. KLAUS SCHLUNZEN JUNIOR
FCT / UNESP/Presidente Prudente (SP)


Profa. Dra. JANINE MARTA COELHO RODRIGUES
Habilitações pedagógicas / Universidade Federal da Paraíba


Profa. Dra. DANIELLE APARECIDA DO NASCIMENTO DOS SANTOS
UNOESTE / Universidade do Oeste Paulista

Presidente Prudente, 30 de outubro de 2017

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa aos meus pais: Luzia e Benedito, que me incentivaram a querer ser alguém melhor e a amar ao próximo sempre!

Ao meu esposo: Eugenio Daniel; aos meus filhos: Rafael, José Guilherme e Laísa e a minha neta Alice, por me permitirem sentir o que é amar e ser amada incondicionalmente!

Aos mestres: Elisa Tomoe Moriya Schlünzen e Klaus Schlünzen Junior, com carinho, por estarem comigo nesta jornada!

AGRADECIMENTOS

Viver o encontro é descobrir-se a si mesmo para descobrir o outro, é comunicar-se. É estabelecer uma parceria com vida, é estar em sintonia, é envolver-se e deixar ser envolvido. É viver a própria afetividade sendo presença, acolhendo o outro para um renascer com-junto em meio à diversidade das singularidades. (RANGUETTI, 2002, p. 89)

Agradeço imensamente a Deus pela vida... pela manutenção da vida e por estar comigo em todos os momentos de minha vida! Por ser meu melhor amigo... por me colocar em seu colo nos momentos de angústias e por me permitir senti-lo... Por me ensinar a valorizar cada dia de minha existência e da existência do outro...

Aos meus pais: Luzia e Benedicto, que mesmo com toda a dificuldade que encontraram durante suas vidas, não mediram esforços para criarem seus cinco filhos mostrando-lhes que o amor transforma... o amor educa... o amor é paciente... o amor também dói, mas sem o amor somos vazios... que nos ensinaram a olhar para o próximo e nos sentirmos tocados por ele... que nos amaram até os últimos dias de suas vidas... que acreditaram em seus filhos e nos fizeram entender que a educação é a ferramenta para a transformação!

À Sandra, que me ensinou ainda na infância a olhar para o outro...

Aos meus filhos: Rafael, José Guilherme e Laísa, que me permitiram crescer enquanto pessoa... que me encham de alegria e me apoiam sempre!

Ao meu esposo: Eugenio Daniel, que jamais mediu esforços para me apoiar em meus sonhos e me amparar nos momentos difíceis... que me permitiu amar e sentir amada!

A minha nora: Mileidy, que está sempre ao meu lado!

A minha netinha Alice, que preenche meus dias... que me faz sentir viva e me motiva a cada dia lutar por um mundo melhor!

Aos meus irmãos: Luciana, Denise, Lucimeire e Ewerton, pela parceria e cumplicidade... pelo amor incondicional... pelo apoio... pelo amparo!

Aos meus sobrinhos, em especial, ao meu sobrinho Luís Henrique, que me socorreu nos momentos difíceis desta trajetória acadêmica e me incentivou a jamais desistir dos meus sonhos!

Aos cunhados e cunhadas que sempre vibraram com as minhas conquistas!

Ao professor Klaus e à professora Elisa que acreditaram em meu trabalho e me estenderam as mãos em todos os momentos que necessitei... que me incentivaram e me permitiram sentir mais uma vez o que é afetar e ser afetada...

À professora Danielle, por sua disponibilidade em estar sempre “com-junto” partilhando saberes...

À professora Janine, por sua generosidade... por seus ensinamentos...

Aos amigos que fiz nessa caminhada, em especial, às minhas meninas: Ana Mayra, Ana Virginia e Fernanda, por estarem comigo sempre... por me ajudarem no momento da doença... por se fazerem presentes em minha vida...

A todos que de alguma forma cruzaram o meu caminho nesta jornada de vida...

A vocês: muito obrigada pelos encontros! Muito obrigada por estarmos sempre “com-junto”!

Como retribuição ao carinho de cada um, dedico-lhes a canção abaixo, pois sei que também desejam que tenhamos um mundo melhor!

A Paz (Heal the World - Michael Jackson) – Versão: Nando (Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/roupa-nova/a-paz.html>>. Acesso em: 15 fev. 2016).

É preciso pensar um pouco nas pessoas que ainda vêm... nas crianças.
A gente tem que arrumar um jeito de deixar pra eles um lugar melhor.
Para os nossos filhos e para os filhos de nossos filhos.
Pense bem!

Deve haver um lugar dentro do seu coração
Onde a paz brilhe mais que uma lembrança
Sem a luz que ela traz já nem se consegue mais encontrar o caminho da esperança
Sinta, chega o tempo de enxugar o pranto dos homens
Se fazendo irmão e estendendo a mão

Só o amor, muda o que já se fez
E a força da paz junta todos outra vez
Venha, já é hora de acender a chama da vida
E fazer a Terra inteira feliz

Se você for capaz de soltar a sua voz
Pelo ar, como prece de criança
Deve então começar outros vão te acompanhar
E cantar com harmonia e esperança

Deixe que esse canto lave o pranto do mundo
Pra trazer perdão e dividir o pão.

Só o amor, muda o que já se fez
E a força da paz junta todos outra vez
Venha, já é hora de acender a chama da vida
E fazer a Terra inteira feliz

Quanta dor e sofrimento em volta a gente ainda tem,
pra manter a fé e o sonho dos que ainda vêm.
A lição pro futuro vem da alma e do coração,
pra buscar a paz, não olhar pra trás com amor.

Se você começar
outros vão te acompanhar
e cantar com harmonia e esperança
Deixe, que esse canto
lave o pranto do mundo
prá trazer perdão
e dividir o pão.

Só o amor, muda o que já se fez
E a força da paz junta todos outra vez
Venha, já é hora de acender a chama da vida
E fazer a Terra inteira feliz.

EPÍGRAFE

"E tudo isso pode começar apenas com um olhar...!"
(JOSGRILBERT, 2002, p. 86)

RESUMO

A pesquisa de Mestrado apresentada desenvolveu-se no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT – UNESP), e está inserida na linha de pesquisa “Processos Formativos, Ensino e Aprendizagem”. Considerando que a educação é um direito inalienável e a não oferta desse direito se caracteriza em exclusão, propostas educativas que não contemplam o ser humano como um ser integral, levando em conta que este é um ser único, que não se repete, constituído de várias dimensões, e estas devem ser atendidas e supridas em sua totalidade, dando sentido para a existência/ação, propiciam a perpetuação do abismo que se formou ao longo da história, em especial, com relação à pessoa doente. Contudo, propostas que visam uma sociedade inclusiva surgem como um contraponto ao descaso com o outro e não envidam esforços para a consecução de um projeto social no qual todos tenham direito e oportunidades iguais para que, independentemente de suas diferenças, possam participar de fato da sociedade em que estão inseridos. No entanto, crianças e adolescentes, quando hospitalizados, além de sofrerem pelo episódio da doença, sofrem por terem suas rotinas totalmente modificadas, em especial quando em idade escolar, pois este público-alvo ainda não conseguiu ter o seu direito à educação em âmbito hospitalar assegurado de fato, apesar de contar com o aparato legal. Nesse sentido, esta pesquisa de viés qualitativo utilizou-se do aparato da pesquisa bibliográfica e documental aliado à pesquisa exploratória descritiva para analisar a realidade existente com relação à problemática que envolve a criança e/ou adolescente hospitalizado, a legislação existente e apresentar possibilidades para minimizar o sofrimento que a situação da doença impõe a esse contingente de pessoas. Para isso, tornou-se relevante um estudo nas bases da educação não formal com vistas a suprir as lacunas deixadas pelo Estado, para posteriormente identificar formas para a utilização das TDIC na mediação pedagógica em ambiente hospitalar, pois elas podem tornar o processo educativo em âmbito hospitalar mais dinâmico e atraente, uma vez que temos a possibilidade de oferecer às crianças e adolescentes hospitalizados propostas de trabalhos autorais, nos quais estes terão a oportunidade de criar, modelar, remixar, alimentar, compartilhar etc. Os dados foram analisados a partir de dois indicadores: Educação Hospitalar que temos: contextualização do conceito e necessidade de regulamentação; e A Educação Hospitalar que queremos: possibilidade do uso de tecnologias digitais para uma educação não formal no contexto do Hospital. Como resultado, detectou-se que a Educação Hospitalar no Brasil não está universalizada, apesar de contar com aparato legal para tanto. Quando é ofertada, ela apresenta caráter selecionador e excludente e, em muitos casos, o rito da escola é transposto ao hospital, o que inviabiliza um projeto de Educação que prima pelo respeito ao outro. Assim, conclui-se que existe necessidade premente de uma luta pela universalização da Educação Hospitalar que tenha como princípio o respeito às diferenças, a solidariedade e que seus processos de aprendizagem reconheçam o outro como um “Tu” inédito.

Palavras-chave: Educação hospitalar; Mediação pedagógica em ambiente hospitalar; educação não formal; TDIC; espaços de aprendizagem em ambiente virtual.

ABSTRACT

The master's degree research here presented has been developed in the scope of the post degree program in education (PPGE), from the College of science and technology (FCT – UNESP), and is in the “Formative process, education and learning” research line. Considering that education is an unalienable right and not offering it characterize the exclusion, educative proposals that don't contemplate the human being as a whole, considering that He is unique, don't repeat, constituted of many dimensions, and those should be attended and supplied completely, giving sense to the existence/action, propitiate the perpetuation of the abyss that has been made during history, specially, related to the sick patients. However, proposals that seek an inclusive society arise as a counterpoint to the contempt with the others and don't show efforts to a consecution of a social project where everybody have equal opportunities to have the right and opportunity don't matter the differences to participate in fact in the society that they are included. However, kids and teenagers when hospitalized, suffer with de disease and with the fact that their routines is modified, especially in the scholar ages, because this target public cannot have the right for education in the hospital environment which is assured by the law. In this way, this research with qualitative bias used the bibliographic and documentary research allied with an exploratory descriptive research to analyse the reality related to the problematic which involve the kid and/or teenager hospitalized, the existing law and show the possibility to minimize the suffering that the illness forces to this contingent of people. For that, it's relevant a study based in a non-formal education showing that this one can supply the gaps left by the state, to further identify way to use the TDIC to pedagogically intermediate in a more dynamic and attractive hospital environment, once we have the possibility to offer to the kids and teenagers hospitalized, proposals for authorship works, where they will have the opportunity to create, shape, remix, feed, share, etc. The data was analyzed based on two indicators: Hospital Education that we have: contextualization of the concept and need of regulation; and, The Hospital Education we want: the possibility of using digital technologies for a non-formal education in the context of the Hospital. As a result, it was detected that Hospital Education in Brazil is not universalized, despite having a legal apparatus for it. When it is offered, it has selective and exclusive character, and in many cases, the rite of the school is transposed to the hospital, which makes an Education project that offers respect for the others impossible to happen. Thus, it is concluded that there is a pressing need for a struggle for the universalization of Hospital Education based on respect for differences, solidarity and that their learning processes recognize the other as an unprecedented subject.

Keywords: Hospital education; Pedagogical intermediation in hospital environment; non formal education; TDIC; Spaces for learning in virtual environment.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|------------|
| Figura 1: Tela EUREK@Kids – salas de embarque | 83 |
| Figura 2: Tela principal Eduquito | 83 |
| Figura 3: Tela principal Fábrica de Aplicativos | 84 |
| Figura 4: Tela principal WordPress para criação de sites | 84 |
| Figura 5: Tela principal WordPress para criação de weblogs ou Blogs | 85 |
| Figura 6: Tela principal Wix.com. | 85 |
| Figura 7: Tela de jogos do Kodu Game Lab | 86 |
| Figura 8: Tela principal do site Flogão | 89 |
| Figura 9: Arquitetura Funcional do AVA/ADA Eduquito | 132 |
| Figura 10: Tela EUREK@Kids – Fórum (ambiente virtual de aprendizagem) | 133 |
| Figura 11: Espaço destinado aos blogs selecionados pelo Portal do Professor | 135 |
| Figura 12: Projeto de Aula selecionado pelo Portal do Professor para auxiliar professores e alunos na criação de blogs | 136 |
| Figura 13: Alunos da Escola Estadual Professor Ayrton Busch, no processo de desenvolvimento do aplicativo da escola | 140 |
| Figura 14: Página inicial da WebTV Ayrton Busch no Facebook | 182 |
| Figura 15: Página da Câmara Municipal de Bauru noticiando a Moção de Aplauso para a TV Ayrton Busch | 183 |

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1:** Distinções entre educação formal, não formal e informal. **66**
- Quadro 2:** Informações sobre número de pesquisas cadastradas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, correspondentes às palavras-chave utilizadas para busca sem recorte de data inicial, atualizadas até dezembro de 2016. **104**
- Quadro 3:** Dados das pesquisas referentes ao termo “Pedagogia Hospitalar” – Banco de Teses e Dissertações da CAPES com recorte de ano (2014) e seu enfoque **105**
- Quadro 4:** Dados das pesquisas referentes ao termo “Classe Hospitalar” – Banco de Teses e Dissertações da CAPES com recorte de ano (2013) e o seu enfoque **107**
- Quadro 5:** Dados das pesquisas referentes ao termo “Escola Hospitalar” – Banco de Teses e Dissertações da CAPES com recorte de ano (2014) e seu enfoque **107**
- Quadro 6:** Dados das pesquisas referentes ao termo “Atendimento Pedagógico Hospitalar” – Banco de Teses e Dissertações da CAPES com recorte de ano (2014) e seu enfoque **108**
- Quadro 7:** Dados das pesquisas referentes ao termo “Atendimento Pedagógico Domiciliar” – Banco de Teses e Dissertações da CAPES com recorte de ano (2014) e seu enfoque **109**
- Quadro 8:** Dados da pesquisa referentes ao termo “TIC Pedagogia Hospitalar” – Banco de Teses e Dissertações da CAPES e seu enfoque **109**
- Quadro 9:** Dados da pesquisa referentes às palavras-chave descritas nas páginas 100-101 sobre a formação de professores e suas variantes. **111**
- Quadro 10:** Diretorias de Ensino que possuem classes hospitalares e número de classes sob a sua jurisdição **116**

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ABBri:** Associação Brasileira de Brinquedotecas
- CAESP:** Centro de Atendimento Especializado
- CAPE:** Centro de Apoio Pedagógico Especializado
- CAPES:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CCS:** Construcionista, Contextualizada e Significativa
- CGEB:** Coordenadoria de Gestão da Educação Básica
- CNPq:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CONANDA:** Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente
- EAD:** Educação a Distância
- FAMESP:** Fundação para o Desenvolvimento Médico Hospitalar
- FCT:** Faculdade de Ciências e Tecnologia
- INEP:** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
- LDBEN:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC:** Ministério da Educação
- NEAD:** Núcleo de Educação a Distância
- NIED:** Núcleo de Informática Aplicada à Educação
- NIEE:** Núcleo de Informática na Educação Especial
- IC:** Instituto de Computação
- PCNP:** Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico
- PPGE:** Programa de Pós-Graduação em Educação
- REDEFOR:** Rede São Paulo de Formação Docente
- SEE/SP:** Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
- SEESP:** Secretaria de Educação Especial
- SIC.SP:** Sistema Integrado de Informações ao Cidadão
- TCC:** Trabalho de Conclusão de Curso
- TIC:** Tecnologias de Informação e Comunicação
- TDIC:** Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação
- UFP:** Universidade Federal de Pernambuco
- UFRGS:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- UNESP:** Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
- UNICAMP:** Universidade Estadual de Campinas
- USP:** Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Apresentação | 155 |
| Introdução | 22 |
| Pergunta da Pesquisa | 27 |
| Objetivos da pesquisa | 28 |
| Objetivo Geral | 28 |
| Objetivos Específicos | 28 |
| | |
| Capítulo I – Procedimentos Metodológicos | 31 |
| 1.1 Caracterização metodológica da pesquisa | 31 |
| 1.2 Procedimentos para coleta e análise dos dados | 34 |
| 1.3 Etapas da pesquisa | 34 |
| 1.3.1 Primeira etapa: diagnóstico | 34 |
| 1.3.2 Segunda etapa: análise e seleção de textos para compor os referenciais teóricos . | 36 |
| 1.3.3 Terceira etapa: levantamento e análise das nomenclaturas utilizadas no trabalho pedagógico hospitalar..... | 37 |
| 1.3.4 Quarta etapa: levantamento e análise de possibilidades do uso das TIC no trabalho pedagógico hospitalar..... | 38 |
| 1.3.5 Quinta etapa: indicadores gerados pela metodologia proposta..... | 38 |
| | |
| Capítulo II – Pressupostos Teóricos | 40 |
| 2.1 O ser, o espaço e o tempo | 42 |
| 2.2 Da Carta Magna ao documento Classe Hospitalar | 52 |
| 2.3 Educação não formal como possibilidade de consecução de um projeto de mediação pedagógica em ambiente hospitalar..... | 64 |
| 2.4 Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e a mediação pedagógica em ambiente hospitalar..... | 74 |
| 2.5 O tempo kairós e a importância da escuta para a criança ou adolescente hospitalizado | 92 |

| | |
|--|--------------|
| Capítulo III – Desenvolvimento da Pesquisa | 103 |
| 3.1 Conhecendo a realidade a ser investigada | 103 |
| 3.1.1 Pesquisa Base de dados CAPES | 103 |
| 3.1.2 Revisão na literatura e legislação | 113 |
| 3.1.3 Nomenclaturas contestadas nas literaturas exploradas e analisadas | 124 |
| 3.1.4 Possibilidades do uso das TDIC no trabalho pedagógico hospitalar | 129 |
| | |
| Capítulo IV – Indicadores Gerados Pela Metodologia Proposta | 144 |
| 1 Educação Hospitalar que temos: contextualização do conceito e necessidade de regulamentação | 146 |
| 1.1 O aparato legal x realidade existente..... | 146 |
| 1.2 Nomenclaturas: uma reflexão sobre as especificidades do trabalho pedagógico em ambiente hospitalar e a necessidade de rever conceitos..... | 159 |
| 2 A Educação Hospitalar que queremos: possibilidade do uso de tecnologias digitais para uma educação não formal no contexto do Hospital | 167 |
| | |
| Considerações Finais e Perspectivas Futuras | 189 |
| | |
| Referências | 197 |
| | |
| Apêndices..... | 22144 |

APRESENTAÇÃO

[...] a memória não deve ser a permanência alucinatória do passado. É por meio dela que podemos fazer com que os dados e a lembrança do passado intervenham na percepção do presente. Está na reabordagem do passado, na e pela experiência do presente, na abordagem do presente, na e pela experiência do passado. Ela está no circuito ininterrupto de inter-relações passado-presente. Assim, descobrimos uma brecha no passado, a que corresponde uma brecha no presente: o conhecimento do presente necessita do conhecimento do passado, que necessita do conhecimento do presente. (PINTO, 2002, p. 115-116)

As memórias são importantes para todos os seres, pois, por meio delas, analisamos e refletimos sobre o passado, agimos no presente e idealizamos o futuro, assim, inicio¹ esta pesquisa, trazendo para este texto um pouco de minhas vivências... um pouco do que me constituiu enquanto pessoa e me permitiu chegar ao problema desta dissertação.

Meu ingresso no sistema escolar foi tardio, pois, no final de 1976, tive uma crise convulsiva e, por recomendação médica (muito comum naquela época), meus pais foram aconselhados a me matricular na escola apenas aos oito anos, para que pudesse passar por um diagnóstico mais detalhado e iniciar um tratamento.

Foi difícil aceitar... ainda me lembro de ver as crianças da família que possuíam idades relativas a minha irem para a escola e falarem dela, e eu, sem muito entender o que de fato acontecia, ficava intrigada e sentia uma vontade imensa de ter uma professora, cadernos, lápis, livros...mas, como todos diziam: eu era doente!

O ano de 1978 foi importante para mim! Foi o momento em que ingressei no primeiro ano primário... foi o período da descoberta... da escrita e da leitura... foi o ano em que conheci a Dona Zilda, minha primeira professora. Ela era uma pessoa generosa, muito atenciosa e competente. Tratava seus alunos com muito carinho sem dispensar a autoridade que a profissão lhe concedia. Gostava das coisas bem-feitas: cadernos organizados e encapados; letra legível; cuidado com o material e com as roupas que usávamos: no caso o guarda-pó. Utilizava a cartilha “Caminho Suave” e todos os dias “tomava” a leitura de grupos de alunos previamente selecionados por ela e anotava em seu caderninho suas impressões sobre a nossa aprendizagem. Era um caderno brochura encapado com tecido. Depois de muitos anos, já no curso de magistério, fiz um caderno assim para colecionar minhas atividades.

¹ Na apresentação, utilizo a primeira pessoa do singular para relatar minha trajetória acadêmica e pessoal.

Ensinava-nos a ter respeito pelo outro e não permitia intrigas em sala de aula. Nunca gritou com um aluno. Todos os dias, lia uma mensagem do livro “Minuto de sabedoria” e dizia que era importante um ambiente gostoso para que pudéssemos aprender. Enquanto copiávamos a matéria da lousa ou da cartilha, ela deixava um disquinho com músicas infantis para ouvirmos. As aulas eram tão gostosas que nem em dia que estava doente, queria faltar. O ano terminou e me lembro do último dia de aula: ela muito orgulhosa demonstrou que estava feliz conosco, porque tínhamos transposto a barreira da leitura e da escrita e nos deu uma medalha feita em papel que trazia escrito: “honra ao mérito”.

Neste mesmo ano de 1978, assisti ao filme “Ao Mestre com carinho”, numa noite chuvosa e fria ao lado de minha saudosa mãe... ao terminar o filme, disse a ela: quero ser professora!

Durante minha trajetória escolar, tive a honra de contar com uma amiga que me ensinou muito e que me deu a oportunidade de mostrar o quanto o olhar para o outro nos faz bem! Sandra, minha vizinha e amiga, nunca ingressou no então primário, pois sua doença crônica a impedia de frequentar a escola. Isso me incomodava e sempre que podia ficava com ela em sua casa e lá brincávamos de escolinha e eu a ensinava o que havia aprendido... Jamais esquecerei o rostinho inchado, porém alegre, da Sandra, quando realizava as atividades da cartilha ou lia uma lição do livro de ciências... Contudo, sua doença se agravou e a Sandra voltou ao hospital e lá não resistiu...

A imagem de um hospital tornou-se forte em minha vida quando em 1982, aos meus 12 anos de idade vi minha mãe e meu pai no mesmo dia, em hospitais diferentes, mutilados: ela por um câncer de mama aos 36 anos e ele por uma trombose arterial aos 35 anos... o dia foi de extrema tristeza, pois estávamos em casa aos cuidados de minha avó e não tínhamos recursos para ir aos hospitais, contudo a vontade de ver minha mãe e meu pai, de não deixá-los sem a visita foi maior e convenci minha avó a permitir que eu fosse a pé com uma amiga aos hospitais Beneficência Portuguesa (5,6 km de minha casa), para ver minha mãe, e Hospital de Base (6,2 km de minha casa) para ver meu pai...

A jornada foi longa para uma criança... não sabia que minha mãe tiraria um seio e meu pai amputaria a perna esquerda e, ao chegar no primeiro hospital, lembro-me nitidamente de minha mãe, vestindo uma camisola rosa, desolada... um pouco brava por minha aventura, mas desejando um carinho naquele momento tão difícil para me dizer: “filha, estou com câncer”. O encontro foi rápido... os encontros de visitantes em hospitais são rápidos, mas intensos! Deixei minha mãe e lembro o quanto resisti para não chorar na frente dela, pois entendia que um câncer era uma doença letal, uma vez que meses antes de minha mãe passar pela cirurgia,

ela havia perdido uma prima com a mesma doença, e sei que ela também controlou a emoção para não desabar em minha frente... vai ficar tudo bem, foi o que eu disse já na porta do quarto dela...

Já tomada por forte emoção e medo, fui ao segundo hospital que ficava a 7 quadras do primeiro... entrei no quarto e meu pai estava deitado. Cheguei perto, falei de minha mãe e ele muito emocionado me mostrou o que havia restado de sua perna... Foi um encontro também rápido, mas intenso... lembro-me de também dizer para ele que tudo ficaria bem, pois era isso que sempre ouvíamos deles nos momentos difíceis...

O caminho de volta para casa foi pesado, cheio de pensamentos e emoções... não conseguia imaginar minha vida sem meus pais... Falar o que tinha vivenciado para minha avó foi muito difícil... olhar para meus irmãos era doloroso, pois eram mais novos: 6, 9, 10 e 11 anos... Pedia a Deus para cuidar de meus pais...

A luta foi intensa... acompanhei muitas sessões de quimioterapia de minha mãe e de reabilitação de meu pai... Ela faleceu em 1995, aos 50 anos, e ele em 2000, aos 53 anos. Foram anos difíceis...

O tempo passou, cresci e nunca deixei de dar a minha contribuição ao outro... a dor e o sofrimento do outro me incomodava muito... aos 15 anos saía junto com amigos para trabalharmos valores com crianças nas periferias de Bauru. Terminei o Ginásio em 1985 e, por conta da situação financeira de meus pais, precisei parar de estudar para ajudá-los. No ano de 1987, retomei meus estudos e me matriculei no Curso Magistério, concluído em 1990. Contudo, o sonho de cursar uma faculdade ou de trabalhar na área da educação foi barrado por meu então esposo. Ele não permitia que saísse de casa e dizia que somente poderia estudar se encontrasse um curso a distância, coisa que, na década de 1990, era praticamente impossível no Brasil.

Em 2005, cansada de tanta submissão e desejando muito estudar, encontrei a oportunidade perfeita: um curso EaD do Claretiano – Centro Universitário! Por meio de pesquisas na internet, percebi que a modalidade era perfeita para o meu caso, pois precisaria ir ao polo em Rio Claro somente uma vez por mês. Conversei com meu então esposo e ele, nestes termos, aceitou minha iniciativa desde que pudesse ir junto comigo para as aulas.

Em 2006, após ser aprovada no processo seletivo, comecei a graduação em Filosofia e, logo no meu primeiro trabalho de pesquisa acadêmica para a disciplina Ética, desenvolvi um estudo sobre Bioética que foi parar na mão do Reitor da faculdade, que pediu para me conhecer... daí em diante, minha vida se transformou. Sempre muito comprometida e pontual, logo ganhei a admiração de colegas e professores e não demorou muito para isso

incomodar ao meu esposo, até ao ponto de me colocar contra a parede com a seguinte pergunta: “ou a faculdade ou eu”, e eu escolhi ser feliz! Depois de muita reflexão, de muito falar com o Criador e com o apoio de meus filhos, pedi o divórcio. Contudo, Deus não desampara ninguém e Ele me presenteou com uma pessoa maravilhosa que me apoia e me incentiva a crescer cada vez mais: meu esposo, Eugenio Daniel.

Outro aspecto relevante foi a minha participação no Projeto Claretiano Solidário nos anos de 2007, 2008, 2009, que me permitiu conhecer realidades muito difíceis. Nesse projeto, desenvolvido no Mato Grosso e Rondonia, trabalhei na formação de professores e, ao me destacar nesse trabalho, no ano de 2010, a convite do Claretiano – Centro Universitário, fui à Moçambique para atuar na formação de professores da Universidade Católica de Moçambique, na qual trabalhei de forma intensiva por quase 30 dias. Para iniciar a formação, trabalhei com crianças do Gilé na Zambézia e pude conhecer a realidade local, além de trabalhar com professores da Educação Básica, para, em seguida, organizar um plano de formação aos professores da referida universidade em Nampula.

Conto essa trajetória para mostrar o quanto a modalidade EaD me ajudou a transpor barreiras rumo à concretização de meus sonhos, pois foi somente por meio desta modalidade de ensino que tive a oportunidade de, além de cursar as graduações (Filosofia e Geografia), cursar também os aperfeiçoamentos e as especializações, sendo os mais relevantes para minha formação o de Gestão de Pessoas e Docência EaD, oferecidos pela Fundação Getúlio Vargas; o curso de Atendimento Educacional Especializado, oferecido pela Universidade Federal de Santa Maria; a especialização em Mídias na Educação oferecida pela Universidade Federal de Pernambuco e Universidade de São Paulo e o curso do programa REDEFOR – Especialização em Filosofia para Professores do Ensino Fundamental e Médio, oferecido pela UNESP, que me permitiu conhecer o NEAD, encantar-me pela plataforma e conhecer a professora Elisa Tomoe Moriya Schlünzen e, posteriormente, o professor Klaus Schlünzen Júnior. No curso realizado pelo programa REDEFOR, tive a honra de ter o meu trabalho de conclusão intitulado “EPISTEMOLOGIA GENÉTICA VERSUS EUGENIA: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EPISTÊMICO²” selecionado entre os dez melhores e publicado pela UNESP e NEAD no ano de 2013.

Minha inquietação com relação à aprendizagem de crianças e adolescentes hospitalizados vem da vivência formativa descrita anteriormente, pois, ainda criança, ao

² A publicação pode ser conferida em https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155333/1/unesp-nead-redefor2ed-e-book-tcc_filosofia.pdf. p. 37-51.

conviver com a Sandra, já me sentia incomodada com a situação de minha amiga. Conviver com a doença de meus pais, foi uma experiência dolorosa.

Ao cursar Filosofia, percebi que o doente, ao longo do tempo e do espaço, sempre foi visto como um “estorvo” para a sociedade. Depois, ao cursar Atendimento Educacional Especializado no ano de 2010, em uma das pesquisas para realização de uma atividade do curso, deparei-me com a “Pedagogia Hospitalar”³ e percebi que havia previsão de “atendimento”⁴ pedagógico hospitalar e domiciliar para crianças e adolescentes em fase escolar, inclusive com propostas de integração de mídias nas classes hospitalares. Procurei textos que abordassem a pedagogia hospitalar e adquiri o livro “Pedagogia hospitalar: A humanização integrando educação e saúde”, das professoras Elizete Lúcia Moreira Matos e Margarida Maria Teixeira de Freitas Mugiatti.

Neste período, estava começando a amadurecer a proposta de TCC do curso de Mídias na Educação (USP/UEF) e foi então que decidi: minha pesquisa seria sobre a importância das mídias no atendimento pedagógico hospitalar. Cresci muito com a pesquisa que teve início em janeiro de 2012 e foi finalizada em junho do mesmo ano, com recomendações da banca avaliadora para que prosseguisse com o estudo, uma vez que entendiam ser o tema relevante.

Durante as disciplinas cursadas no mestrado, tive contato com abordagens pedagógicas que antes eram desconhecidas, como a que propõe ambientes Construcionista, Contextualizado e Significativo (CCS)⁵, que apresenta o saber como um desafio para o aluno. Tive a oportunidade de, juntamente com outros colegas da disciplina, desenvolver um aplicativo que auxilia professores no desenvolvimento de aplicativos em sala de aula, sendo este notícia em vários veículos de comunicação.⁶

³ Coloco o termo entre aspas, pois, segundo as pesquisas, a área do conhecimento denominada Pedagogia Hospitalar não foi objeto de redações jurídicas que versam sobre o trabalho pedagógico que se realiza ou deve se realizar com crianças e adolescentes em hospitais. Essa discussão encontra-se em Taam (2004); Taam (apud Fontes, 2008), Arosa e Schilke (2007), Schilke (2007) e Fonseca (2008), e será detalhada neste trabalho no momento oportuno.

⁴ O termo “atendimento” também aparece entre aspas nesse momento, pois, durante a redação da dissertação, proponho a substituição dele pelo termo “mediação”, uma vez que condiz mais com a realidade educacional.

⁵ Segundo Schlünzen (2000, p. 28), um ambiente Construcionista, Contextualizado e Significativo é “Construcionista porque o aluno usa o computador como uma ferramenta para produzir um produto palpável na construção do seu conhecimento e que é de seu interesse (Valente, 1997); Contextualizado porque o tema do projeto parte do contexto da criança, desenvolvendo-se a partir da vivência dos alunos, relacionando-o com a sua realidade; Significativo por dois motivos: primeiro, no desenvolvimento do projeto, os alunos irão se deparando com os conceitos das disciplinas curriculares e o professor mediará a formalização dos conceitos, para que o aluno consiga dar significado ao que está sendo aprendido; segundo, porque cada aluno atuará conforme as suas habilidades e o seu interesse, resolvendo o problema de acordo com aquilo que mais se identifica.”

⁶https://edutec.unesp.br/publicador/index.php/conteudo/visualizar?pid=304&Conteudo_page=5; <http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2015/08/aplicativo-gratuito-ajuda-professor-com-dispositivo-movel-em-sala-de-aula.html>; <http://saiaeducando.blogspot.com.br/2015/09/aplicativo-estimula-uso-de-celular.html>; http://sigamomestre.blogspot.com.br/2015_08_01_archive.html dentre outros.

No ano de 2016, em parceria com o professor Klaus e a aluna Fernanda Sutkus de Oliveira Mello mediante convite, participamos como palestrantes do Bett Brasil Educar 2016, evento no qual ministramos o curso “Uso de Aplicativo e Dispositivo Móvel na Sala de Aula”.⁷ Também ministrei, em julho de 2016, cursos de formação na área da tecnologia educacional e segurança na navegação para professores da rede pública do Estado de Rondônia, nas cidades de Seringueiras e São Miguel do Guaporé, em parceria com o Claretiano – Rede de Educação.

Ao cursar a disciplina Tópicos Especiais em Inclusão Escolar: desafios contemporâneos da Educação Básica, ofertada pela Faculdade de Educação Campus da Unesp de Bauru e ministrada pela professora Vera Lúcia Messias Fialho Capellini, pude aprofundar meus conhecimentos sobre inclusão e formação docente, sendo fruto dessa disciplina um artigo publicado pela Revista ENSINO & PESQUISA – Revista Multidisciplinar de Licenciatura e Formação Docente.⁸ Ainda no ano de 2016, participei da disciplina “Investigação em Cenários de Pesquisa diferenciados: Portugal e Brasil”, um projeto entre a UNESP de Presidente Prudente e a Universidade Aberta de Portugal, sob coordenação no Brasil dos professores: Danielle Aparecida do Nascimento dos Santos, Elisa Tomoe Moryia Schlünzen e Klaus Schlünzen Junior, na qual discutimos sobre métodos de pesquisas, o que me permitiu olhar para a metodologia de pesquisa de forma mais humanizada. Assim, entendo que a formação foi sólida e permitiu embasamento para o desenvolvimento da pesquisa que ora apresento à Academia.

Em janeiro de 2016, já cursando o mestrado, fui surpreendida por uma Trombose Venosa Profunda (safena e femoral) de membro inferior esquerdo, que me custou duas internações e momentos de muitas angústias, pois vi minha vida se transformar em função de uma doença que não me permitia seguir normalmente minhas atividades, já que existia risco de morte. Em junho do mesmo ano, em estado que se assemelhava a uma embolia, novamente fui hospitalizada e, após procedimento médico para uma angiotomografia, tive uma tromboflebite no braço direito que o deixou com movimento parcial por dois meses e sequelas que levarei para o resto da vida segundo o médico. Já são dezesseis meses de tratamento e dez meses de afastamento total da minha rotina sem ainda ter a causa dessa doença, o que me custa rotinas de exames, medicações, hospitalizações de curta duração etc.

⁷ http://www.bettbrasileducar.com.br/files/bettbr_agenda_2016.pdf

⁸ O Saber-fazer na Formação de Professores para a Inclusão Escolar: um Levantamento Bibliográfico. Tamyrís Proença Bonilha Garnica, Gabriela Castro Silva Cavalheiro, Elaine Mussi Hunzecher Quaglio, Vera Lucia Messias Fialho Capellini. <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/970>

Contudo, entendo que nada acontece por acaso e meu tempo de hospital me permitiu sentir na pele o que uma criança ou adolescente hospitalizado sente. Talvez o sentimento deles fosse mais complexo pela maturidade, mas eu adulta, com 46 anos de idade, me sentia sem chão... sentia falta da minha casa... dos meus filhos... da minha rotina... e me sentia impotente, pois não podia fazer nada: apenas esperar. Pensava: se eu com a idade e maturidade para entender a gravidade de minha doença estava assustada, imagine uma criança ou um jovem que passava por aquele momento?

Assim, esta pesquisa está permeada pelos ensinamentos de Martin Buber, que nos propõe olhar para o outro como um Tu, inédito sempre... que se vela e desvela a todo momento e que merece todo o nosso respeito.

A princípio, a pesquisa contaria com o trabalho de campo, pois o objetivo dela era identificar formas para a disponibilização de materiais e recursos educacionais digitais em um ambiente virtual de aprendizagem para o trabalho pedagógico junto a crianças e/ou adolescentes hospitalizados.

Contudo, diante das constatações descritas no corpo desta dissertação, tornou-se mais relevante produzir conhecimentos sobre a “Pedagogia Hospitalar”, trazendo à tona seus desafios com vistas a propugnar por ações que se sedimentam na realidade, uma vez que não conseguiu atingir a universalização que se pede quando tratamos de uma educação inclusiva, emancipadora e inovadora.

Entendo que é possível fazer uso das tecnologias da informação, em especial as digitais, a favor da educação, na mediação pedagógica em ambiente hospitalar, pois as especificidades interacionais propiciadas por elas, combinadas com a possibilidade ímpar de intercâmbios comunicacionais entre participantes interligados pela Internet, permitem a configuração de novos espaços de aprendizagem que possam atender satisfatoriamente pessoas que, por motivos diversos, não podem estar dentro do ambiente “escolar” fisicamente. Porém, neste momento, o enfoque da pesquisa não será o de desenvolver os espaços de aprendizagem, e sim de mostrar que, diante das dificuldades de universalização enfrentadas para que haja efetivamente a ocorrência da mediação pedagógica em ambiente hospitalar, eles são possíveis.

1 INTRODUÇÃO

Muitas crianças e adolescentes, quando hospitalizados, além de fragilizados pela doença que os acomete, sofrem com o isolamento ao se “desligarem”, mesmo que por pouco tempo, do convívio com a escola, colegas, familiares, lugares prediletos etc. Se for necessário um tratamento mais prolongado, os danos são ainda maiores.

Ortiz e Freitas (2005), ao abordarem sobre os efeitos da hospitalização para uma pessoa, enfatizam que este evento é doloroso e traz consigo inúmeros sentimentos, em especial, os relativos à finitude. Esse evento abala estruturas não só da pessoa hospitalizada, mas também das pessoas que convivem com ela.

Quintana et al. (2007, p. 415) explicam que:

Estudos têm evidenciado que a internação de crianças provoca alterações significativas na família, o que também interfere no paciente internado. Quando um filho adocece, por mais estruturada que seja a família, todos adoecem junto. A doença do filho provoca um grande impacto nos pais, acompanhado de sentimentos como impotência e incapacidade.

Dios, López e Criado (2016, p. e21-e22), também ao abordarem sobre os efeitos da hospitalização para crianças/adolescentes e suas famílias, alertam que este evento por si já traz uma experiência difícil causada pelos limites que a doença impõe. Para esses pesquisadores, existe a limitação das atividades que antes eram rotineiras. Perde-se a disponibilidade natural para cuidar de si, instala-se a solidão, ansiedade, isolamento e o sofrimento ganha proporções, principalmente no público jovem.

Portanto, a família, ao receber o diagnóstico de uma enfermidade que acomete uma criança ou adolescente, entra em crise, pois esse evento irá requerer dela uma adaptação a diversos fatores. O impacto psicológico acarretado à família do paciente pediátrico, segundo Dios, López e Criado (2016, e22), pode interferir na adaptação socioemocional e na saúde física e emocional do paciente pediátrico.

Independentemente do tempo de hospitalização (curta, média ou longa), os danos emocionais são significativos, em especial quando se trata de criança ou adolescente. Ensina-nos Paula (2002, p. 14) que um dia de hospitalização pode deixar marcas positivas ou negativas na criança.

Rodrigues (2012, p. 27), também, explica que o tempo de “internamento” de uma criança ou adolescente em fase escolar, seja ele “de curto, médio ou longo prazo”, tem

preocupado “médicos, pediatras e educadores”, uma vez que em seu tempo de afastamento da escola não pode lhe trazer prejuízos, já que:

Suas condições de aprendizagem não podem ser relegadas, uma vez que, em sua vida fora do hospital, partilha de uma sala de aula, faz parte de um grupo definido e que, entre seus pares, suas trocas se constituem em atividades enriquecedoras de aprendizagens. Não é por estar interna, convalescendo de qualquer procedimento para restabelecimento de sua saúde, que os internos deixam de serem crianças e, como tal, a presença de uma professora carinhosamente chamada por eles de ‘tia’ quebra a rotina hospitalar, fazendo-os esquecer por alguns momentos que estão em um hospital.

Portanto, quando o paciente em questão é criança, tudo pode ganhar maiores dimensões justamente em função da fase do desenvolvimento em que o paciente se encontra. Para Saggese e Maciel (1996, p. 290-292), ao discutirem sobre a importância do brincar no ambiente hospitalar, fazendo uso das lições do neurologista e psiquiatra Julian Ajuriaguera, enfatizam que a situação de adoecimento corporal provoca na criança uma grande quantidade de modificações de ordem subjetiva relacionadas às mudanças corporais, ao desconforto, ao medo da morte e aos remanejamentos necessários no contexto familiar. A angústia frente ao desconhecido é um elemento sempre presente, aliado aos sentimentos de autodesvalorização perante outras crianças, decorrentes das limitações físicas que a doença impõe e da impossibilidade de reagir como anteriormente às demandas ambientais.

Por isso, é preciso primar por ações que valorizem ao outro e proporcionem a alegria pelo tempo vivido, em especial dentro de um hospital. Assim, a relação educativa permeada pela afetividade propiciará verdadeiros encontros, nos quais a aprendizagem ocorrerá de forma prazerosa, pois, segundo Ribeiro e Jutras (2006, p. 43), ao analisarem a importância da afetividade para a ocorrência da aprendizagem, explicam que práticas educativas movidas pelo afetivo se opõem às práticas desenvolvidas com a carência desse componente. Em ambientes afetivos e seguros, teremos alunos mais calmos e tranquilos, além de propiciar a construção da autoimagem positiva e o prazer em fazer o que se propõe. Enfatizam que: “O professor que possui a competência afetiva é humano, percebe seu aluno em suas múltiplas dimensões, complexidade e totalidade”.

Segundo Ortiz e Freitas (2005, p. 20), a criança hospitalizada é tão plena como todas as outras, e o que lhe resta não é atingir o que lhe falta ser, adquirir um desempenho compatível com as normas da sociedade, mas expandir o que realmente é, ou seja, afirmar-se em sua singularidade.

A vida não para com a hospitalização e a doença não pode ser um empecilho para o desenvolvimento da criança e/ou adolescente, apesar de ela interromper o ciclo vivido fora do hospital. Cavalcanti (1997, p. 06) menciona que, enquanto existe a espera pela volta da saúde, a pessoa hospitalizada continua sendo uma pessoa que possui direitos e necessidades básicas tal como a pessoa saudável. Não se deve limitar direitos ou necessidades no que diz respeito à cultura ou à distração por conta de sua doença. O único impedimento aceitável é o de ordem médica, caso contrário, segundo a pesquisadora “a limitação do direito à vida recreativa, por qualquer razão que não seja de ordem médica, constitui um grave atentado às prerrogativas do homem que sofre”.

Ressalta-se que a criança ou o adolescente, quando hospitalizados, sofrem estresse por sua condição de saúde, por encontrarem-se em local diferente daqueles de costume, longe da família e amigos, e, se não encontrarem no ambiente hospitalar algo que o torne acolhedor, a condição de estresse poderá causar tensão que acarretará prejuízos à sua recuperação, podendo prolongar assim, o seu tempo de hospitalização. Logo, o compromisso de todos aqueles que interagem com este público-alvo é o de primar pela sua integridade física e mental.

Nesse sentido, um dos direitos basilares da pessoa é o direito à educação, e oferecer meios para que as crianças e/ou adolescentes hospitalizados recebam atenção pedagógica no ambiente hospitalar se configura em ação inclusiva, pois permite que elas sejam atendidas em seus direitos e necessidades; minimiza os efeitos do estresse causado pela doença e contribui para o restabelecimento da saúde, conforme nos ensinam Fonseca e Ceccim (apud TAAM, 2000, p. 10), que constataram em suas pesquisas:

As crianças que receberam atendimento pedagógico educacional no hospital pareceram entender e aceitar ativamente a necessidade da hospitalização, como, também, se recuperaram e obtiveram alta da internação pediátrica mais precocemente do que aquelas que não contaram com essa oportunidade.

Ainda no tocante aos benefícios da mediação pedagógica junto à criança e/ou adolescente em ambiente hospitalar, apontam-nos Fontes e Vasconcellos (2007, p. 301) que “O papel da educação é, assim, o de estimular esta aprendizagem que impulsiona o desenvolvimento humano, tornando o ambiente hospitalar menos hostil”.

Portanto, há que se observar que a criança e o adolescente, na faixa etária pertinente à escolarização, se encontram em franco período de aprendizagem, são sedentos por novidades, por informações e, na atualidade, são verdadeiros “desbravadores” das tecnologias da informação e comunicação, em especial as digitais, propiciadas pelo acesso, cada vez mais

facilitado, aos bens que se produz na sociedade. Nesse tocante, nos apresenta Silva (2005, p. 63) que:

A educação do cidadão não pode estar alheia ao novo contexto socioeconômico-tecnológico, cuja característica geral não está mais na centralidade da produção fabril ou da mídia de massa, mas na informação digitalizada como nova infra-estrutura básica, como novo modo de produção. O computador e a Internet definem essa nova ambiência informacional e dão o tom da nova lógica comunicacional, que toma o lugar da distribuição em massa, própria da fábrica e da mídia clássica, até então símbolos societários.

Prado (2005, p. 55), ao abordar sobre educação e tecnologia, menciona que necessitamos de uma abordagem educacional que dê ênfase no processo de reconstrução do saber para que possamos compreender a realidade sem dicotomizar ou valorizar esta ou aquela área do saber, primando pelas inter-relações entre as ideais, conceitos, teorias e crenças. Para a autora, “A compreensão da realidade é fundamental para que o aluno possa participar como protagonista da história, anunciando novos caminhos para exercer sua cidadania”.

Rodrigues (2012, p. 15) explica que a informatização e as tecnologias são ferramentas que auxiliam sobremaneira as atividades pedagógicas em ambiente hospitalar. Para a autora:

A sociedade da informação, a sociedade do conhecimento, utiliza uma intensa rede de informática e telecomunicações, que disponibiliza com mais eficiência conhecimentos, ignorando fronteiras geográficas ou limites espaciais, tornando a educação mais do que um processo de ensino e aprendizagem.

Sánchez e Quintero (2016, p. 2, tradução nossa), ao explicarem sobre o projeto EDUMOBSPITALARIOS, desenvolvido pelo “Grupo de Investigación de Tecnología Educativa de la Universidad de Murcia (GITE) y el Equipo de Atención Educativa Hospitalaria y Domiciliaria (EAEHD) de la Región de Murcia”, explicam que a utilização das tecnologias da informação e comunicação nos processos de aprendizagem e motivação dos alunos que participam das aulas hospitalares se configura em uma estratégia educativa que tem se mostrado mais interessante no trabalho pedagógico com o público-alvo supracitado, pois permite o uso de metodologias flexíveis que se adaptam às necessidades do aluno hospitalizado: idade, interesses, nível educativo e tipo de lesão ou enfermidade.

Assim, pensar a mediação pedagógica em ambiente hospitalar – permeada pela utilização das tecnologias da informação e comunicação, em especial as digitais –, não nos

permite transpor para este ambiente o ritual da escola, já que a escola também pede por mudanças, pois o instrucionismo em tempos de tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) não se sustenta. O aprendiz precisa refletir, agir, produzir, remixar, compartilhar o saber. Essa é a diferença de uma educação que se pretende inovadora: o aprendiz deixa a passividade para dar abertura ao seu processo criativo. Isso não significa abandonar os saberes acumulados ao longo do tempo e que compõem as disciplinas: significa dar sentido a esses saberes para que eles façam parte da vida do aprendiz.

Nesse sentido, o currículo levado ao hospital deve ser flexibilizado, contextualizado e atender às necessidades das crianças e adolescentes hospitalizados, pois, segundo Matos e Mugiatti (2009, p. 115), o trabalho pedagógico em hospital “constitui num espaço temporal diferenciado, em que as condições de aprendizagem fogem à rotina escolar e o aluno é uma criança ou um adolescente hospitalizado.” Assim, devemos propor práticas mais condizentes com as especificidades que compõem este ambiente e não somente levar a escola para o hospital. Contudo, segundo as autoras, “A condição da aprendizagem, em situação que difere do cotidiano de uma escola formal, requer visão mais ampla do profissional, demandando práticas pedagógicas que superem a ortodoxia dos processos atuais”.

TDIC, quando incorporadas ao trabalho pedagógico desenvolvido em ambiente hospitalar, podem, de acordo com Matos e Mugiatti (2009, p. 141), amenizar os problemas advindos da internação, “em especial da criança e adolescente em idade de escolarização, com benefícios à sua capacitação escolar e, ainda, criando um ambiente positivo e estimulador ao processo lúdico, recreativo, social, cultural e tecnológico”.

Silva (2005, p. 67), ao explanar sobre a postura que se deve assumir no trabalho pedagógico permeado pelas tecnologias da informação e comunicação, enfatiza que o professor precisa abandonar o papel de guardião da aprendizagem transmitida para propor:

[...] a construção do conhecimento disponibilizando um campo de possibilidades, de caminhos que se abrem quando elementos são acionados pelos aprendizes. Ele garante a possibilidade de significações livres e plurais, e, sem perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos aprendizes. Assim, ele educa na cibercultura. Assim, ele constrói cidadania em nosso tempo.

Portanto, é de suma importância que se promovam estudos sobre os processos educativos, levando em conta os diversos espaços, em especial, o espaço hospitalar, que apesar de ser coberto por lei, no que diz respeito ao aspecto da consecução do processo

educativo da criança e do adolescente hospitalizados, estes ainda não contam efetivamente com os benefícios da inclusão.

Assim, este projeto de pesquisa problematiza o uso das tecnologias da informação e comunicação, em especial as digitais (TDIC) em ambientes hospitalares que recebem crianças/adolescentes, como possibilidade de auxiliá-los em sua aprendizagem e na interação com aqueles que ficaram “fora dos muros” do hospital, minimizando o sofrimento com a ruptura e o isolamento, além de analisar acuradamente a problemática que envolve a educação hospitalar no Brasil, que vai desde o não cumprimento da legislação que prevê educação para todos, até as controvérsias que envolvem as nomenclaturas que compõem o universo da educação hospitalar.

Para tanto, inicialmente pretendia-se estudar e viabilizar um produto que pudesse auxiliar a criança e/ou o adolescente hospitalizado no aspecto lúdico-pedagógico. Para cumprir com tal tarefa, pensava-se nas especificidades da modalidade de Educação a Distância (EAD), que, apesar de necessitar de um aparato mais complexo para sua implantação, podia ser, juntamente com outras ferramentas de menor complexidade como o weblog/blog, videolog/vlog, fotolog/flog, webquest, Fábrica de Aplicativos, Facebook, Canais no Youyube, Skype dentre outros, grandes aliados contra a exclusão da criança e do adolescente hospitalizado, ou em tratamento hospitalar, no processo de aprendizagem.

Contudo, a pesquisa tomou outro rumo diante das constatações que serão descritas a seguir e, apesar de prosseguirmos com a mesma questão-problema inicial, neste momento não adentraremos a campo e sim apresentaremos os desafios que ainda temos que enfrentar em relação à efetivação do trabalho pedagógico em ambiente hospitalar, assim como as possibilidades de uso das TDIC para o trabalho pedagógico neste ambiente.

Portanto, a pesquisa intitulada “TDIC e Mediação Pedagógica em ambiente hospitalar: realidade, sonhos e possibilidades!” pretende cumprir com o papel social que cabe à universidade, qual seja: o de produzir conhecimentos úteis à humanidade.

PERGUNTA DA PESQUISA

Diante do exposto até aqui, a pergunta apresentada à academia e que norteia a pesquisa questiona se “é possível criar espaços virtuais que propiciem a mediação pedagógica em ambiente hospitalar para crianças e adolescentes?”

Com vistas a oferecer respostas ao questionamento proposto à academia, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo Geral:

- Analisar a realidade existente em relação à problemática que envolve a criança e/ou adolescente hospitalizado, a legislação existente e apresentar possibilidades para minimizar o sofrimento que a situação da doença impõe a esse contingente de pessoas, por meio da utilização das TDIC na mediação pedagógica em ambiente hospitalar.

Objetivos Específicos:

- Compreender e descrever a relevância e as contribuições da mediação pedagógica para crianças e adolescentes no ambiente hospitalar;
- Analisar os documentos legais e bibliografia que versam sobre a universalização da educação e o atendimento pedagógico no ambiente hospitalar;
- Verificar que recursos a criança e/ou adolescente hospitalizados podem utilizar para serem inseridos no contexto digital;

Após apresentada a introdução ao tema, com sua devida justificativa e relevância deste que culminaram no delineamento do problema e os respectivos objetivos norteadores desta pesquisa, seus capítulos foram organizados com vistas a tornar a leitura do texto prazerosa, sem, contudo, descuidarmos do rigor que rege uma pesquisa acadêmica.

No capítulo I, apresentamos os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa, que teve como trajeto a abordagem qualitativa, uma vez que não se pretendia medir, mensurar, quantificar e sim analisar e refletir sobre a problemática que envolve o trabalho pedagógico em ambiente hospitalar. Para tanto, utilizamos o método exploratório descritivo, a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica que se configuraram em caminhos mais seguros para gerarmos conhecimentos relativos à pergunta proposta para a academia, qual seja: como criar espaços virtuais que permitam a mediação pedagógica em ambiente hospitalar para crianças e adolescentes?

Neste capítulo também apresentamos os procedimentos para a coleta e análise dos dados com vistas a enfrentarmos os objetivos propostos para esta pesquisa para respondermos ao questionamento proposto. Assim, a pesquisa foi dividida em cinco etapas, sendo a primeira

etapa relativa ao diagnóstico da realidade. A segunda etapa, referente à análise e seleção de textos para compor os referenciais teóricos da pesquisa em tela. Na terceira etapa, realizamos o levantamento e análise das nomenclaturas utilizadas no trabalho pedagógico hospitalar. Já na quinta etapa, levantamos e analisamos as possibilidades do uso das tecnologias da informação e comunicação, em especial as digitais (TDIC) no trabalho pedagógico hospitalar, e, por fim, na quinta etapa, estabelecemos os indicadores gerados pela metodologia proposta.

No Capítulo II, apresentamos os Pressupostos Teóricos que sustentam a pesquisa, permeados pelo olhar voltado ao outro. Assim, no primeiro tópico deste capítulo realizamos uma reflexão sobre o ser, o espaço e o tempo, apresentando a fenomenologia de Martin Buber, e suas palavras-princípio: “Eu-Tu” e “Eu-Isso” para refletirmos sobre as relações que podemos estabelecer com o outro. No segundo tópico, descrevemos e refletimos sobre as principais legislações que versam sobre a universalização da educação, realizando uma análise acurada do documento “Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar – estratégias e orientação”, publicado pela SEESP/MEC em 2002, que versa sobre o trabalho pedagógico com crianças e adolescentes hospitalizados, além de contarmos com a contribuição de outros autores que também refletiram sobre o aparato legal x aparato real, no tocante ao trabalho pedagógico em ambiente hospitalar voltado para crianças e adolescentes hospitalizados. A educação não formal e sua contribuição para o trabalho pedagógico em ambiente hospitalar, foi analisada no terceiro tópico. No quarto tópico, analisamos e refletimos sobre a relevância da incorporação das TDIC no trabalho pedagógico hospitalar, entendendo que elas podem ser de grande valia para um trabalho que necessita da individualização, da contextualização e da flexibilidade curricular, uma vez que não se deve levar para o hospital o rito da escola, pois o ambiente hospitalar é diverso do ambiente escolar, sendo que crianças e adolescentes hospitalizados não se encontram nas mesmas condições dos alunos que frequentam o ambiente escolar. Por fim, no quinto tópico, trouxemos as reflexões sobre o tempo e a importância de primarmos por ações que permitam dentro do tempo Chronos a efetivação positiva do tempo Kairós para crianças e adolescentes hospitalizados.

Já no capítulo III, apresentamos o desenvolvimento da pesquisa, no qual traçamos um panorama de como tomamos conhecimento da realidade que investigamos. No primeiro tópico, exploramos a Base de dados da CAPES (Banco de Teses e Dissertações), com vistas a conhecermos as pesquisas na área da Educação Hospitalar. Após a análise das teses e dissertações selecionadas, exploramos a base de dados Periódicos da Capes e Scielo, com vistas a levantarmos publicações que enfocassem a questão da formação do professor para o

trabalho em ambiente hospitalar. No tópico seguinte, realizamos uma revisão na legislação e leitura acurada dos textos selecionados para compor a base teórica da pesquisa. Após as pesquisas nas bases de dados, revisão da legislação e literatura, identificamos nomenclaturas contestadas nas literaturas exploradas e analisadas, quais sejam: “Pedagogia Hospitalar” e “Classe Hospitalar”. No quarto tópico, exploramos possibilidades do uso das TDIC no trabalho pedagógico hospitalar. Por fim, no capítulo IV, apresentamos os indicadores que emergiram no contexto de desenvolvimento da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Devo dizer mais uma vez: não tenho ensinamentos a transmitir. Apenas aponto algo, indico algo na realidade, algo não visto ou escassamente avistado. Tomo quem me ouve pela mão e o encaminho à janela. Escancaro-a e aponto para fora. Não tenho ensinamento algum, mas conduzo um diálogo. (BUBER apud SZPICZKOWSKI; HENRIQUES, 2007, p. 88)

Considerações Finais

Todo caminhar possui um trajeto e esse trajeto é marcado por histórias... Os caminhos são trilhados por muitos e cada um dará a ele um significado e poderá fazer dele um motivo para lutar por caminhos melhores: tanto para si quanto para o outro que já caminha ou que ainda virá a caminhar... Assim, o caminhar desta pesquisa foi permeado pela história de vida desta pesquisadora narrada na apresentação: uma história marcada por desafios, por enfrentamento de doenças, por hospitalizações, por respeito e amor a si e ao próximo.

Entendo que o tema de uma pesquisa não pode surgir do nada, pois o pesquisador precisa ser afetado por seu objeto de pesquisa que deve se tornar para ele um “Tu” inédito, merecedor de respeito e de admiração, uma vez que a admiração, como já diziam os filósofos gregos da antiguidade, é a pedra fundamental para o início de um pensamento criterioso, mais próximo do real, que faz do banal a sua contemplação, afinal a filosofia é a desbanalização do banal!

Nesse sentido, as andanças que fiz durante minha vida me permitiram, ao ter contato com problemática que envolve a criança e/ou adolescente hospitalizado, me sentir afetada por esta temática e isso me aguçou o desejo de fazer dessa causa a minha causa. Assim, esta pesquisa é uma pesquisa permeada por sentimentos, por desejos, por sonhos, por olhar atento e pela escuta sensível...

No tocante à Academia, entendemos que a pesquisa se apresenta relevante, pois por meio do estudo realizado foi possível levantar dados e realizar reflexões que certamente se configuram como relevantes para a sociedade, e esta é a função social da Academia: produzir conhecimentos úteis para a sociedade, com vistas a encontrar soluções para problemas que a acometem ou propor ações que possam minimizá-los.

Destaca-se que cada autor que compõe esta pesquisa recebeu o olhar atento e a escuta sensível... cada um permitiu reflexões e aprendizados que marcaram a vida desta pesquisadora

e certamente poderão marcar aqueles que tiverem contato com o texto construído de forma colaborativa, na qual ora concordamos, ora discordamos e em todo o tempo aprendemos!

Não consideramos encerrada a pesquisa, pois muito ainda temos que caminhar para a efetivação da Educação Hospitalar tal como desejamos e expusemos ao longo deste percurso, mas entendemos que a conclusão desta etapa é um primeiro passo rumo à efetivação de uma Educação, em especial Hospitalar, que seja ao mesmo tempo “Tu” e que veja o outro como “Tu”.

Destaca-se por meio desta pesquisa que a Educação Hospitalar, em especial no Brasil, é inepta, pois, apesar de crianças e adolescentes hospitalizados estarem amplamente cobertos pela legislação, constatamos que tais legislações ainda não conseguiram ultrapassar o limite das letras apostas em papéis, uma vez que muito se tem promulgado e pouco realizado, o que acarreta prejuízos, posto que: se a legislação não é cumprida, o direito é negligenciado e a cidadania é negada.

Nesse sentido, percebe-se que a sociedade ainda necessita caminhar muito para que tenhamos a universalização do trabalho pedagógico em ambiente hospitalar, pois, inobstante amparo legal, estamos distantes de tal realidade. Temos um aporte colocado nos “papéis” que na prática não acontece para todos. Contudo, direitos são frutos de lutas históricas e o direito à educação não se deu de forma diferente, assim, o direito à educação de fato para crianças e adolescentes hospitalizados está se construindo de forma dolorosa, pois, contraditoriamente, esse direito é assegurado nos estatutos de lei e negligenciado no plano da realidade.

A própria tramitação dos Projetos de Lei no. 4191/2004 e 4.610/2004 (apensado ao primeiro), que objetivam transformar em lei o que se assegura por orientações e legislações diversas, que versam sobre a universalização da educação, em especial da criança e do adolescente hospitalizados, conforme apresentado nos pressupostos teóricos e no capítulo 3, demonstra que não existe interesse real em sua aprovação, porque, embora aprovados pela Comissão de Seguridade Social e Família, Comissão de Educação e Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, encontram-se paralisados à espera da votação pelo plenário.

Negligenciar direitos básicos é uma afronta à sociedade! Não podemos passivamente permitir que retirem sorrateiramente das crianças e adolescentes hospitalizados o direito à educação e, por isso, é preciso que haja conscientização de que existem leis e elas precisam ser cumpridas... uma mãe, um pai ou outro responsável precisam saber que se uma criança ou adolescente adoece, eles têm garantida a sua continuidade no processo de aprendizagem estejam no leito do hospital, em tratamento ambulatorial ou se restabelecendo em domicílio.

Também é importante que as universidades abram espaços para o enfrentamento dos dilemas que assolam a Educação Hospitalar, ao fomentar debates que a coloquem em evidência com vistas a um engajamento na luta por sua efetivação tanto nos sistemas formais de ensino quanto nos não formais.

Nesse sentido, a formação docente, inicial e continuada, também merece um olhar atento e uma escuta sensível por parte das universidades, pois o professor precisa estar preparado para atuar em sistemas não formais, como é o caso do hospital.

No que tange à incorporação das TDIC no fazer pedagógico, também se faz necessária uma formação docente sólida, na qual o professor, ao se apropriar das tecnologias disponíveis, saberá escolher dentre o leque de possibilidades aquela ou aquelas que melhor se adequem às especificidades e necessidades de seus aprendizes com vistas a consecução de processos de aprendizagem dinâmicos, atraentes, criativos, com traços autorais, sem perder de vista que o professor não será o detentor do saber e sim seu mediador.

A formação docente deverá ser permeada pelo respeito a si e ao outro, pois esse é o diferencial de uma educação que visa à formação humana integral. Uma educação para ser “Tu” necessita do humano que age, que olha atentamente e que escuta sensivelmente a si e ao outro, que se compreende incompleto e inacabado e também compreende o outro da mesma forma e, assim, valoriza o desenvolvimento contínuo, oportunizando para si e para o outro encontros “com-junto”, nos quais todos os envolvidos serão aprendizes, uma vez que tais encontros não admitem hierarquizações e nesses encontros certamente teremos aprendizagens significativas.

Ao analisarmos e refletirmos sobre a possibilidade de incorporação das TDIC nos processos de mediação da aprendizagem em ambiente hospitalar, concluímos que elas poderão trazer vantagens à formação da criança e do adolescente hospitalizados, uma vez que propiciam a flexibilidade, eliminam barreiras espaço-temporais, rompem limitações impostas pela doença, permitem a interação síncrona e assíncrona tanto com aqueles que se encontram hospitalizados quanto com aqueles que foram deixados fora dos muros dos hospitais, além de propiciar cenários formativos diversos e que atendam às especificidades e necessidades tanto do ambiente quanto daqueles que o compõem.

A incorporação das TDIC na Educação Hospitalar poderá propiciar atividades prazerosas nas quais crianças, adolescentes e seus acompanhantes atuarão como protagonistas de seus processos de aprendizagem, sendo orientados pelo professor que mediará esses processos sempre com olhar atento, propiciando encontros autênticos permeados pela escuta sensível, nos quais um “Tu” estará “com-junto” a outro “Tu”. Nesse sentido, os aprendizes ao

sentirem-se participantes ativos de suas aprendizagens certamente sentirão prazer pelo tempo vivido, no qual inevitavelmente o tempo *chronos* se fará presente, mas o tempo que será sentido e lembrado será o tempo *kairós*.

Analisar e refletir sobre as nomenclaturas utilizadas no trabalho pedagógico em ambiente hospitalar se configurou algo relevante, pois o pesquisador, ao encontrar problemas, não pode abdicar destes, e enfrentar a tarefa de propor novas nomenclaturas foi gratificante, uma vez que também encaramos os termos já utilizados como “Tu”, olhando atentamente para cada um e por meio da escuta sensível, compreendemos que eles não coadunavam com as especificidades do trabalho pedagógico dentro de um hospital.

Assim, as novas nomenclaturas geradas por meio do olhar atento e escuta sensível somente foram possíveis de serem apresentadas à Academia, pois foram pensadas dentro do contexto que envolve o hospital e levando em conta as especificidades do trabalho pedagógico neste ambiente, uma vez que um conceito não é imutável e jamais é criado do nada: ele parte de um problema.

Nesse sentido, Educação Hospitalar em contraposição a Pedagogia Hospitalar, para nominar a área que abarca os saberes referentes ao trabalho pedagógico em ambiente hospitalar, apresenta-se como termo mais adequado às especificidades do contexto hospitalar, uma vez que levamos em consideração o fato de que a escola e saberes sistematizados nem sempre existiram, mas a educação, sim, e compreendemos que a educação permeia todos os âmbitos da sociedade e pode operar transformações na vida de cada um de nós!

Espaços de Aprendizagem em Ambiente Hospitalar em contraposição à Classe Hospitalar para nominar o “lócus” do trabalho pedagógico em ambiente hospitalar também se apresenta mais adequado, pois não limita os encontros pedagógicos a um determinado espaço cujo termo se relaciona à escola (Classe Hospitalar) e, por vezes, transpõe para o contexto hospitalar os seus ritos, o que não deve acontecer na Educação Hospitalar, pois ela possui especificidades e realidades diferentes da Educação Escolar, conforme demonstramos nos capítulos anteriores.

Mediação Pedagógica em Ambiente Hospitalar e Mediação Pedagógica em Ambiente Domiciliar, em contraposição aos termos Atendimento Pedagógico Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar, também se apresentam mais condizentes com o trabalho pedagógico que compreende as relevâncias de processos de aprendizagem que sejam significativos, e isso se dá quando oportunizamos aos aprendizes possibilidades para serem protagonistas de seus saberes e, para tanto, o professor precisa orientar, facilitar, incentivar e motivar a aprendizagem, colocando-se como um elo entre o aprendiz e seus processos cognitivos.

Refletir e analisar questões como a equivocada eleição exclusiva do pedagogo para o trabalho pedagógico em ambiente hospitalar, quando a previsão legal é de que Licenciados em Educação Especial, Pedagogos ou Licenciados de outras áreas possam realizar tais trabalhos desde que tenham formação para tanto, também se configurou relevante nesta pesquisa, uma vez que se faz necessário alertar para que pesquisas vindouras tenham mais critério ao explicar sobre a formação que se pede para a atuação profissional na Educação Hospitalar.

No tocante à educação não formal, ela entra no contexto desta pesquisa como uma possível solução ao problema encontrado nela, qual seja: a negligência do Estado no que diz respeito à continuidade do processo de aprendizagem de crianças e adolescentes hospitalizados ou em tratamento domiciliar. Por meio da educação não formal, hospitais, fundações, ongs etc., poderão chamar para si a responsabilidade de propiciar espaços de aprendizagem para crianças e adolescentes hospitalizados e para seus acompanhantes, contratando professores, equipando espaços como as brinquedotecas para que estas sejam ricas em oportunidades de aprendizagens significativas.

Propugnar para que hospitais, ongs, fundações etc. assumam a Educação Hospitalar não significa abandonar as cobranças para que o Estado faça a sua parte, seja na oferta da Educação Hospitalar, seja na sua regulamentação com vistas a abrir espaços para que outras organizações que não a escola possam atuar dentro dos hospitais para a oferta de educação para crianças e adolescentes hospitalizados e seus acompanhantes.

Por fim, entendemos que as reflexões e análises realizadas nesta pesquisa permitiram uma visão da Educação Hospitalar que temos como aquela que não está universalizada; que apesar de estar inscrita na Educação Especial, esta não a reconhece e isso pode ser corroborado ao termos contato com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008, uma vez que ela não contempla crianças e adolescentes hospitalizados em seu bojo, salientado que a Política Nacional de Educação Especial de 1994, apesar de termos consciência de que ela não se assentou em bases inclusivas, abarcava crianças e adolescentes hospitalizados no rol de pessoas que deveriam receber o olhar da Educação Especial.

Consideramos também que a Educação Hospitalar, quando se sedimenta, em muitos momentos transporta o rito da escola para o hospital e isso não coaduna com as especificidades do ambiente hospitalar e das crianças e adolescentes hospitalizados, uma vez que as propostas pedagógicas precisam ter começo, meio e fim no mesmo encontro que deverá ser flexibilizado, levando em consideração o estado de saúde da criança ou do

adolescente. O currículo também precisa ser flexibilizado, pois currículos rígidos tendem a excluir e a estigmatizar aqueles que, por motivos diversos, não conseguem segui-lo.

Assim, ao propormos uma Educação Hospitalar “Tu”, desejamos que crianças, adolescentes e seus acompanhantes sejam reconhecidos como seres inéditos, que não se repetem e que possuem tempos de despertar diversos um do outro... uma educação que entende o tempo como vida e que essa vida reside no coração... uma educação que não admite hierarquizações, uma vez que entende todos como pares... uma educação que olha atentamente e escuta sensivelmente... que cuida do outro... uma educação que prima por processos de aprendizagem significativos e que certamente farão a diferença na vida daqueles que dela partilharem.

Destaca-se que se esta pesquisa não esgota o tema da Educação Hospitalar, configurando-se em um primeiro passo para a sua efetivação, apresentamos no tópico a seguir as perspectivas futuras que emergiram das reflexões e análises realizadas com vistas a não deixar que este texto fique também somente no plano das ideias e, sim, enfrente o plano da realidade e lute para que tenhamos de fato uma Educação Hospitalar que acolhe a todos e que respeita a si e ao próximo.

Perspectivas Futuras

No que tange à Educação Hospitalar, ficou patente nesta pesquisa que é preciso romper amarras que são impeditivas para a ocorrência da aprendizagem de crianças e adolescentes hospitalizados ou em tratamento domiciliar... que é preciso sonhar com uma Educação Hospitalar que acolha a todos e que prime por processos de aprendizagem significativos e emancipadores... e que é preciso humanizar aquilo que está fadado à desumanização, como é o caso da continuidade do processo educativo de crianças e adolescentes hospitalizados.

Nesse sentido, entendo que propor perspectivas futuras se faz necessário, diante do que foi apresentado nesta pesquisa, para que ela não fique inscrita somente em bibliotecas e repositórios, e sim atue frente aos dilemas da Educação Hospitalar no Brasil. Assim, elenco abaixo as ações futuras que emergiram da pesquisa, salientando que elas não são estanques e permitirão outras ações que se apresentarem necessárias para a efetivação da Educação Hospitalar, tal como propugnei neste texto. São elas:

1. Encaminhar relatório da pesquisa ao INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, solicitando que ele realize um censo com vistas a mapear a Educação Hospitalar no Brasil e que o resultado deste mapeamento seja amplamente divulgado. Contudo, caso essa solicitação não seja aceita, proponho um projeto de pesquisa à Academia que tenha, dentre outros objetivos, o mapeamento por conta desta pesquisadora.
2. Encaminhar relatório à Secretaria de Educação Especial vinculada ao MEC, solicitando que ela se pronuncie com relação à exclusão das crianças e adolescentes hospitalizados que, apesar de estarem inscritas na Educação Especial, foram apartadas com a publicação da Política Nacional na Perspectiva da Educação Inclusiva de 2008.
3. Ainda no âmbito da Secretaria de Educação Especial vinculada ao MEC, encaminhar as reflexões que emergiram nas análises realizadas nesta pesquisa, com vistas a apresentar as lacunas existentes, as nomenclaturas propostas e a possibilidade de que os hospitais, fundações, ongs, organizações em geral, possam, por meio da Educação não formal, ofertar ensino básico para crianças e adolescentes hospitalizados, além de realizar atividades junto aos acompanhantes, para subsidiar esta Secretaria, a fim de que ela apresente propostas legais levando em consideração tais análises.
4. Encaminhar também ao MEC as reflexões apontadas acima, solicitando que ele se pronuncie a respeito da Educação Hospitalar, além de promover amplo debate sobre ela, fomentando o diálogo, para que de fato crianças e adolescentes hospitalizados, bem como seus acompanhantes recebam o olhar atento e a escuta sensível no que diz respeito à continuidade de seus processos de aprendizagem, estando eles no âmbito hospitalar ou domiciliar.
5. Ao MEC ainda solicitar um olhar atento e uma escuta sensível com relação à formação docente, para que sejam oportunizados processos de formação inicial e continuada para o enfrentamento do trabalho pedagógico em âmbito hospitalar.
6. Tendo em vista que esta pesquisa analisou o documento “Atendimento educacional em ambiente hospitalar” da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, entendo oportuno encaminhar tais análises a esse departamento, com o objetivo de apontar os equívocos encontrados em tais análises e apresentar propostas para que a Educação Hospitalar nesse Estado possa ser inclusiva de fato.

7. Com relação aos sistemas de saúde, entendo oportuno que o Ministério da Saúde, dentro da ótica de humanização, possa realizar um trabalho junto aos hospitais de conscientização da importância desses locais nos processos de aprendizagem de crianças e adolescentes hospitalizados e seus acompanhantes, e, para tanto, encaminharei um relatório da pesquisa também para este órgão, com vistas a subsidiá-lo em propostas de educação não formal voltadas à Educação Hospitalar.
8. Também como perspectiva, comprometo-me a dar publicidade a esta pesquisa com vistas a fomentar, no âmbito acadêmico, o diálogo sobre a Educação Hospitalar, com vistas a fortalecê-la enquanto ciência.
9. Apresentar à Academia proposta de formação docente com vistas a formar profissionais para atuarem no contexto da educação não formal, em especial no âmbito hospitalar.
10. Com relação às TDIC, apresentar projeto de pesquisa à Academia, com vistas a realizar pesquisa de campo em ambiente hospitalar para apresentar vantagens e dificuldades encontradas “in lócus”, tendo como objetivo oferecer à sociedade um retrato mais próximo do real, uma vez que nesta pesquisa analisamos as possibilidades do trabalho com as tecnologias, mas não adentramos a campo para explorá-las junto ao público-alvo da Educação Hospitalar.

Por fim, entendo que outras perspectivas poderão surgir, mas estas elencadas acima são relevantes para a consecução de uma Educação Hospitalar que prima pelo respeito a si e ao outro e, nesse sentido, acolhe a todos, oportunizando encontros autênticos que certamente propiciarão aprendizagens significativas e o prazer pelo tempo vivido.

REFERÊNCIAS

ADELL, J. Internet en el aula: las WebQuest. **Edutec. Revista Electrónica de Tecnología Educativa**, [S.l.], n. 17, ene. 2006. ISSN 1135-9250. Disponível em: <<http://edutec.es/revista/index.php/edutec-e/article/view/530/264>>. Acesso em: 04 jul. 2016 doi: <http://dx.doi.org/10.21556/edutec.2004.17.530>.

AFONSO, A. J. Sociologia da educação não-formal: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, Antonio Joaquim; STOER, Stephen R. **A sociologia na escola**. Porto: Afrontamento, 1989, p. 83-96.

AINSCOW, M; FERREIRA, W. Compreendendo a educação inclusiva: algumas reflexões sobre experiências internacionais. In: RODRIGUES, D. (Ed.). **Perspectivas sobre inclusão: da educação à sociedade**. Porto: Porto, 2003, p. 103-116.

ALMEIDA, L. R.; PLACCO V. M. N. S. (Orgs.). **As relações interpessoais na formação de professores**. São Paulo: Loyola, 2002.

ALMEIDA, M. E. B.; SILVA, M. da G. M. Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.7 n.1 Abril/2011 Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>> Acesso em: 16 dez. 2016.

ALVES, R. **As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2002.

AMARAL, M. A; NERY, L. E.; VASCO, A. M; SANTOS, J. G. de C. Desenvolvimento Acessível de Objetos de Aprendizagem. **Colabor@ - Revista Digital da CVA - Ricesu**, ISSN 1519-8529 Volume 6, Número 24, Dezembro de 2010. Disponível em: <<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/view/153/131>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

ANDRAUS, L. M. S.; MINAMISAVA, R; MUNARI, D. B. Cuidando da família da criança hospitalizada. **ver. Bras. Cresc. Desenv. Hum.** 2004; 14(2): 50-54.

AQUINO, J. G. O professor, o aluno, a diferença e a hospitalização. In: FONSECA, E. S. (Org.). **Atendimento Escolar Hospitalar**. O trabalho pedagógico no ambiente hospitalar: a criança doente também estuda e aprende. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática**. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1998.

AUDINO, D. F.; NASCIMENTO, R. S. Objetos de aprendizagem – diálogos entre conceitos e uma nova proposição aplicada à educação. **Revista Contemporânea de Educação**, 5, p. 128-148, 2010.

BARROS, A. S. S. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 27, n. 73, p. 257-278, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 fev. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300002>.

BEIGUELMAN, B. Genética, Ética e Estado: (Genetics, Ethics and State). **Braz. J. Genet.** [online]. 1997, vol. 20, no. 3 [cited 2007-05-27]. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-84551997000300027&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 dez. 2016.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000, p. 67-132.

BENCINI, R. Pessoas Especiais. **Nova Escola**. Ano XVI, nº 139, jan/fev 2001.

BIZATTO, J. I. **Eutanásia e responsabilidade médica**. Porto Alegre: Sagra, 1990.

BLANCO, R. Saludo. In: **Aulas hospitalarias**. Reflexiones de la VIII jornada sobre pedagogía hospitalaria. Org. Fundação Carolina Labra Riquelme, Con el apoyo de: Oficina Regional de Educación de la UNESCO para América Latina y el Caribe OREALC/UNESCO Santiago. Andros Impresores: Santiago, Chile, agosto 2007. Disponível em: <<http://repositorio.minedu.gob.pe/handle/123456789/2873>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

BORENSTEIN, M. S. et al. Hanseníase: estigma e preconceito vivenciados por pacientes institucionalizados em Santa Catarina (1940-1960). **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 61, n. spe, p. 708-712, nov. 2008.

BRAGIO, J. **O sentido de ser educadora das/ nas brinquedotecas do hospital infantil de Vitória/ES: um estudo a partir dos conceitos de experiência, narrativa & cuidado**. (Dissertação) Mestrado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória. 142 f.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. **VIII Conferência Nacional de Saúde**. Relatório final. Brasília, 1986.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 454 p. – (Série textos básicos; n. 67)

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** Brasília: UNESCO, 1994a.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília: MEC/SEESP, 1994b.

BRASIL. Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente/CONANDA. **Resolução Nº 41**, de 13 de outubro de 1995. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil., Brasília, DF, 1995.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** nº 9394/96. Brasília: Senado Federal, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **CNE/CEB Resolução nº 02 – Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Brasília: 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações.** / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002. 35 p.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientación vocacional:** la estrategia clínica. 3. ed. Buenos Aires: Nueva Visión, 1976.

BORTOLOZZI, J. M. **Contribuições para a Concepção de um Ambiente Virtual de Aprendizagem para Escolares Hospitalizados.** Dissertação (Mestrado) – PUCPR, Curitiba, 2007.

BUBER, M. **Eu e Tu.** Tradução, Introdução e Notas de Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

CABERO, A. J. Las necesidades de las TIC en el ámbito educativo: oportunidades, riesgos y necesidades. **Tecnología y Comunicación Educativas**, Año 21, Nº 45. Universidad de Sevilla (España – UE), 2007. Disponível em: <<http://investigacion.ilce.edu.mx/tyce/45/articulo1.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2016.

CAIRUS, H. F.; RIBEIRO, W. Jr. **Textos Hipocráticos:** o doente, o médico e a doença. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

CALADO, S. dos S.; Ferreira, S. C dos R. **Análise de documentos:** método de recolha e análise de dados. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1/analisedocumentos.pdf>>

CANDAU, V. M. (Org.). **Reinventar a escola.** Petrópolis: Vozes, 2000.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

CAPPARELLI, A. B. de F. A doença, a criança e sua família. **Pediatria Moderna.** V. XXXIV, n. ½, p. 59-61, jan/fev. 1988.

CARVALHO, E. N. S. (Org.). **Deficiência mental**. Brasília: MEC/SEESP, 1997, 150 p. (Série Atualidades Pedagógicas, n. 3)

CASANOVA, M. A. De la educación especial a la inclusión educativa. Estado de la cuestión y retos pendientes. **Participación Educativa**, 18, 8-24, 2011.

CASTRO, C. E. de. A convergência digital e os atores sociais – um panorama das iniciativas brasileiras. **Anais V ELEPICC-Encontro Latino-Americano de Economia Política da Informação**. Salvador, UFBA, 2005.

CAVALCANTI, R. T. K. **Projeto Assistência Pedagógica à Criança Hospitalizada**. Maringá: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, 1997.

CECCIM, R. B. A escuta pedagógica no ambiente hospitalar. In: Encontro nacional sobre atendimento escolar hospitalar, 2000, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000. Disponível em: <<http://www.escolahospitalar.uerj.br/anais.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

CECCIM, R. B.; CARVALHO, P. R. A. (Orgs.). **Criança Hospitalizada**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1997.

CECCIM, R. B.; PALOMBINI, A. L. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. **Psicologia & Sociedade**; 21 (3): 301-312, 2009.

CELADOR-LERA, L. Pedagogía Hospitalaria: Análisis del uso de las TIC en la Educación Secundaria Obligatoria. **Re-Unir – Repositório Digital**. Madrid/Espanha, 2016. Disponível em: <<http://reunir.unir.net/handle/123456789/3953>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

CERDÀ, F. L.; PLANAS, N. C. Possibilidades de la plataforma Facebook para el aprendizaje colaborativo en línea. **Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento (RUSC)**. Vol. 8, n.º 2, p. 31-45. UOC. Acesso em: 5 jul. 2016. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=78018793004>> ISSN 1698-580X>

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHAGAS, A. M.; LINHARES, R. N. As interfaces de interação para uma aprendizagem colaborativa no Facebook. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 293-312. ISBN 978-85-7879-283-1. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org/id/c3h5q/pdf/porto-9788578792831-17.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

CHARLOT, B. A relação ao saber e à escola dos alunos dos bairros populares. In: AZEVEDO, J. C.; GENTILI, P.; KRUG, A.; SIMON, C. (Orgs.). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Secretaria Municipal de Educação, 2000.

CÓDIGO DE HAMURABI. **Código de Manu, excertos:** (livros oitavo e nono); Lei das XII Tábuas. Supervisão editorial Jair Lot Vieira. Bauru, SP: Edipro, 1994. (Série Clássicos).

COLLET, N; OLIVEIRA, B. G. de. **Manual de enfermagem em pediatria.** Goiania: AB, 2002.

COLLET, N; ROCHA, S. M. M. Criança hospitalizada: mãe e enfermagem compartilhando o cuidado. **Rev. Latino-am Enfermagem**, 2004 março-abril; 12(2):191-7. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n2/v12n2a07.pdf>> Acesso em: 05 jul. 2016.

COOMBS, P. H. **A Crise Mundial da Educação.** São Paulo: Perspectiva, 1986.

CORRÊA, C. H. W. **Comunidades Virtuais gerando identidades na sociedade em rede.** Universiabrasil.net. Disponível em: <http://www.universiabrasil.net/materia_imp.jsp?id=4391>. Acesso em: 05 jul. 2015.

COUTO, M. S. **A Eficácia da WebQuest no Tema “Nós e o Universo” usando uma Metodologia numa Perspectiva CTS:** um estudo de caso com alunos do 8º ano de escolaridade. Dissertação de Mestrado em Física, na Área de Especialização em Ensino. Braga: Universidade do Minho. 2004. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/2609/1/dissertacao.pdf>> Acesso em: 17 dez. 2016.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** método qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRISPÍN, M. L.; DORIA, M. C.; RIVERA, A. B.; GARZA, M.T. D. L.; CARRILLO, S.; GUERRERO, L.; PATIÑO, H.; CAUDILLO, L.; FREGOSO, A.; MARTÍNEZ, J.; ESQUIVEL, M.; LOYOLA, M.; COSTOPOULOS, Y.; ATHIÉ, M. J. **Aprendizaje Autónomo. Orientaciones para la docencia.** México: Universidad Iberoamericana. 2011. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Mexico/dcsyp-ua/20170517031227/pdf_671.pdf> Acesso em: 15 fev. 2017.

CROSETTI, B. D. B. Cambios metodológicos. Estrategias metodológicas para el aprendizaje en red. In: SALINAS, J. I. **Innovación educativa y uso de las TIC.** Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2008. ISBN: 978-84-7993-055-4. Disponível em <<http://dspace.unia.es/bitstream/handle/10334/2524/innovacioneduc2008.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

CUNHA, M. V. da. **John Dewey, uma filosofia para educadores em sala de aula.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DE AQUINO, C. T. E. **Como aprender:** andragogia e habilidades de aprendizagem. 1. ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Dialogues.** Paris: Flammarion, 1997.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 3. ed. São Paulo (SP): Cortez; Brasília (DF): MEC: UNESCO, 1999.

DIOS, J. G.; LÓPEZ, R. P.; CRIADO, M. I. Unidad Pedagógica Hospitalaria: humanizar la enseñanza y la asistencia / Pedagogical Hospital Unit makes teaching and medical aid more human. **Acta Pediátrica Española**. 74(2): e21-e28, feb. 2016. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/enfermeria/resource/pt/ibc-150591>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

DORNELAS, J. C. A. Empreendedorismo Corporativo: conceitos e aplicações. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 81-90, abril/junho 2004.

DUARTE, C. S. Direito público subjetivo e políticas educacionais. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 113-118, June 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jul. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392004000200012>.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **O renascimento do sagrado na educação**. Campinas: Papirus, 1998.

FERNÁNDEZ, I. M. S. La incorporación de la videoconferencia en una institución de tradición presencial. In: **V Congreso Internacional Virtual de Educación 7-27 de Febrero de 2005**. Universidad de Murcia. España. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/24845/Documento_completo.pdf?sequence=1> Acesso em: 15 fev. 2017.

FERREIRA, E. B.; GARCIA, S. R. de O. O ensino médio integrado à educação profissional: um projeto em construção nos Estados do Espírito Santo e do Paraná. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. (Orgs.). **Ensino Médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRA, J. D. L.; CORRÊA, B. R. D. P. G; TORRES, P. L. O uso pedagógico da rede social Facebook. **Colabor@ – A Revista Digital da CVA-RICESU**, v.7, n.28, 2012. Disponível em: <http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/view/199>. Acesso em: 15 jul. 2016.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, E. S. **Atendimento no Ambiente Hospitalar**. 1. ed. São Paulo: Memnom, 2003.

_____. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2008.

_____. **Aspectos da ecologia da classe hospitalar no Brasil**. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/aspectos_da_ecologia.asp?f_id_artigo=177>. Acesso em: 15 nov. 2011.

FONTES, R. de S. Da classe à pedagogia hospitalar: a educação para além da escolarização. **Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 72-92, jan/jun. 2008.

FONTES, R. de S.; VASCONCELLOS, V. M. R. de. O papel da educação no hospital: uma reflexão com base nos estudos de Wallon e Vigotski. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 27, n. 73, p. 279-303, Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300003>.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GALLO, S. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GARRIDO, C. C. Educar con redes sociales y Web 2.0. In: SALINAS, J. I. **Innovación educativa y uso de las TIC**. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2008. ISBN: 978-84-7993-055-4. Disponível em: <http://dspace.unia.es/bitstream/handle/10334/2524/innovacioneduc2008.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 nov. 2016

GASPARIN, J. L. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5. ed. rev. 2. reimpr.-Campinas/SP: Autores Associados, 2012.

GATTI, B. A.; ANDRÉ, M. E. D. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GIBSON, W. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. Como classificar as pesquisas. In: Gil A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Athas; 2006. p. 41-54. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/38881088/como_classificar_pesquisas.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1506713260&Signature=EcrAU4VzkLFjr8NeiO7MuRpHZXc%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DCOMO_CLASSIFICAR_AS_PESQUISAS_1.pdf. Acesso em: 15 set. 2017.

GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOMES, G. C.; ERDMANN, A. L. O cuidado compartilhado entre a família e a enfermagem à criança no hospital: uma perspectiva para a sua humanização. **Rev. Gaúcha Enferm**, Porto Alegre (RS) 2005 abr; 26(1):20-30. Disponível em:

<<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/1549/ocuidadocompartilhado.PDF?sequence=1>
> Acesso em: 15 set. 2017.

GUILLÉN, M.; MEJÍA A. **Actuaciones educativas en Aulas Hospitalarias**: atención escolar a niños enfermos. Madrid: Narcea, 2002.

GUIMARÃES, D. **A Utilização da WebQuest no Ensino da Matemática**: aprendizagem e reações dos alunos do 8º ano. Dissertação de Mestrado em Educação, na área de especialização de Tecnologia Educativa. Braga: Universidade do Minho. 2005.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

HOLANDA, E. R de; COLLET, N. Escolarização da criança hospitalizada sob a ótica da família. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2012 Jan-Mar; 21(1): 34-42. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/714/71422299004/>> Acesso em: 21 jan. 2017.

HOYUELOS, A. Los tiempos de la infancia. **Banco Interamericano de Desarrollo**. Recuperado el, v. 21, 2008. Disponível em: <http://cmap.unavarra.es/rid=1PC0V5Z0L-25GQ5D8-Z2/Hoyuelos_Tiempos_de_la_infancia%5B1%5D.pdf> Acesso em: 25 fev. 2017.

JOSGRILBERT, M. de F. V. Atitude. In: FAZENDA, I. **Dicionário em Construção**: interdisciplinaridade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.84-86.

KREMSER, S.; ZENS, B. Ejemplos de e-learning en hospitales Europeos. In: BIENZLE, H. (Org.). **eHospital: e-learning para pacientes hospitalizados**. Die Berater Unternehmensberatungs GmbH: Vienna, Austria, 2008, p. 15-24. Disponível em: <http://www.dieberater.com/fileadmin/images/EU_Abteilung/eHospital_ES.pdf> Acesso em: 10 abr. 2017.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **A ideografia dinâmica**: rumo a uma imaginação artificial? Tradução Marcos Marcionilo e Saulo Krieger. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **A inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1999a.

_____. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999b. 264 p. (Coleção Trans).

LIZASOÁIN, O. **Pedagogía Hospitalaria**: compendio de una década. Logroño: Siníndice, 2011.

LOIOLA, F. C. F. **Subsídios para a educação hospitalar na perspectiva da educação inclusiva**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2013. 139 p.

LOPES, R. M. A. **Educação empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: Sebrae, 2010.

MACEDO, C. M. S. Diretrizes de acessibilidade em conteúdos didáticos. **InfoDesign – Revista Brasileira de Design da Informação**. São Paulo, v. 10, n. 2. 2013, p. 123-136. Disponível em: <<https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/193/136>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

MACEDO, J. M. de. A criação de uma Brinquedoteca Hospitalar com enfoque psicodramático. In: VIEGAS, D. (Org.). **Brinquedoteca Hospitalar: isto é humanização**. Rio de Janeiro: Wak, 2007, p. 63-70.

MANTOAN, M. T. E. O. O verde não é o azul listrado de amarelo: considerações sobre o uso da tecnologia na educação/reabilitação de pessoas com deficiência. **Espaço: informativo técnico-científico do Ines**, Rio de Janeiro, n. 13, jan./jun. 2000.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis**. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, M. A. V. Educação. In: FAZENDA, I. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 242-246.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e uso da tecnologia. In: MORAN, J.; BEHRENS, M. A.; MASETTO, M. T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008, p. 133-173.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MATOS, E. L. M. (Org.). **Escolarização Hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

_____. Reflexões da conduta ética e a humanização voltada a ação pedagógica do escolar hospitalizado: novos tempos – novas possibilidades. In: CHACON, M.; MARIN, M. J. S. M. (Orgs.). **Educação e saúde de grupos especiais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MATOS, E. L. M; MUGGIATI, M. T. de F. **Pedagogia Hospitalar**. Curitiba: Champagnat, 2001. 90p.

_____. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MERCADO, L. P. L. (Org.). **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002.

METZ, P. P.; RIBEIRO, R. A prática pedagógica e o currículo no hospital: reflexões sobre uma ação educativa emancipadora. In: AROSA, A. C.; SCHILKE, A. L. (Orgs.). **A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras**. Niterói: Intertexto, 2007. p. 69-82.

METZ, P. P.; SARDINHA, R. F. Formação de professores: uma experiência no espaço hospitalar. In: AROSA, A. C.; SCHILKE, A. L. (Orgs.). **A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras**. Niterói: Intertexto, 2007. p. 105-116.

MINGUET, P. A. **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MITTEMPERGHER, R. de C. Psicopedagogia Hospitalar: saúde e educação. **Revista Psicopedagogia**. São Paulo, v.4, n. 4, p. 16-23, 1998.

MONNERAT, G. L.; SENNA, M. C. Seguridade Social no Brasil: dilemas e desafios. In: MOROSINI, M. V.; REIS, J. R. F. **Sociedade, Estado e direito à saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

MONTEIRO, R. A. (Org.). **Fazendo e aprendendo pesquisa qualitativa em educação**. Juiz de Fora: FEME, 1998.

MONTERO, M. D. C. La videoconferencia al servicio de la inteligencia emocional: una experiencia en el hospital de león. In: **XI Congreso Nacional de Pedagogía Hospitalaria. 5, 6 y 7 de Mayo de 2011**. Cartagena (Murcia). Disponível em: <<http://diversidad.murciaeduca.es/publicaciones/aahh2011/docs/castillo.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas, In: MORAN, J., MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

_____. Como utilizar a Internet na educação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 26, n. 2, p. May 1997. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2016. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19651997000200006>>.

MORENO, P. D. C; ESTEBAN, L. P. La webquest como estrategia metodológica en la enseñanza universitaria de la asignatura de Contabilidad de Empresas Turísticas. **EduTec. Revista Electrónica de Tecnología Educativa**, [S.l.], n. 38, dic. 2011. ISSN 1135-9250. Disponível em: <<http://edutec.es/revista/index.php/edutec-e/article/view/387>>. Acesso em: 04 jul. 2016 doi: <<http://dx.doi.org/10.21556/edutec.2011.38.387>>.

NARDI, B.; SCHIANO, D.; GUMBRECHT, M. Blogging as social activity, or, would you let 900 million people read your diary? In: **CSCW '04: Proceedings of the 2004 ACM conference on Computer supported cooperative work**. November 6-10, 2004, Chicago, Illinois, USA.

NICHOLLS, J. F. G. Soluciones para optimizar los procesos de aprendizaje en el ámbito hospitalario. **Memorias Virtual Educa**. Memorias VE2013, Medellín, Colombia. 2013, p. 1-17.

NOVAES, L. H. V. S. **Brincar e aprender: quem quer saber? O brincar como instrumento pedagógico no hospital**. Pelotas, RS: Educat, 2006.

NOVELLI, P. G. O conceito de Educação em Hegel. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 5, n.9, p.65-88, Aug. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832001000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 mar. 2015. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832001000200005>>.

NUNES, C. N. **Narrativas, saberes e práticas: a trajetória de formação do professor de classe hospitalar**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Cidade de São Paulo. São Paulo, 2014. 114 p.; Anexos.

ORTIZ, L. C. M.; FREITAS, S. N. **Classe hospitalar: caminhos pedagógicos entre saúde e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2005.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2. ed. Campinas: Papiros, 1997.

PAIS, J. M. **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PAPERT, S. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PAULA, E. M. A. T. de. Crianças e professores em hospitais: aprendizes especiais na diversidade dos contextos hospitalares. In: Igualdade e diversidade na educação – Programas e resumos: painéis e pôsteres – **Anais do XI Endipe**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Goiânia, 26 a 29 de maio de 2002.

_____. **A educação como proteção integral para crianças e adolescentes hospitalizados**. 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt>>. Acesso em: 01 out. 2016.

_____. Escola no hospital: espaço de produção de subjetividades, cultura e transformação social. **Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel**. Pelotas [29]: 105 - 118, julho/dezembro 2007a. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1783/1662>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

_____. O ensino fundamental na escola do hospital: espaço da diversidade e cidadania. **Educação Unisinos**. v.11, n. 3. P.156-164, setembro/dezembro 2007b. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5717>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

_____. **Pedagogia hospitalar na Pedagogia Social: reflexões teóricas**. SciELO Proceedings. 2010, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n3/n3a08.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

PERNISA JR., C. Mídia Digital. **Lumina - Juiz de Fora** - Facom/UFJF - v.4, n.2, p. 175-186, jul./dez. 2001 v.5, n.1, jan./jun. 2002 ISSN 1516-0785. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/03/R8-Junito-HP.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

PERRENOUD, P. "¿A dónde van las pedagogías diferenciadas? Hacia la individualización del currículo y de los itinerarios formativos." **Educar** [online], 1998, n. 22, p. 11-34. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/Educar/article/view/20680/20520>> Acesso em: 31 jul. 2016.

PERUZZOLO, A. C. **Elementos de Semiótica: quando aprender é fazer**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

PINTO, M. C. B. Memória. In: FAZENDA, I. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 115-117.

PINTÓ, R. Aprendizaje socio-constructivista con los compañeros de clase desde el hospital In: **XI Congreso Nacional de Pedagogía Hospitalaria. 5, 6 y 7 de Mayo de 2011**. Cartagena (Murcia). Disponível em: <<http://diversidad.murciaeduca.es/publicaciones/aahh2011/docs/rpinto.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2017.

PLATÃO. **A República**. 1. ed. Supervisão editorial Jair Lot Vieira. Bauru: Edipro, 2000.

PRADO, M. E. B. B. Articulações entre áreas de conhecimento e tecnologia. Articulando saberes e transformando a prática. In: ALMEIDA, M. E. B. de; MORAN, J. M. (Orgs.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. cap. 1, artigo 1.8, p. 54-58. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

PRENDES, M. P.; SÁNCHEZ-VERA, M.; SERRANO, J. L. Posibilidades educativas de las TIC en las aulas hospitalarias. **Journal for Educators, Teachers and Trainers**, v. 3, pp. 37 – 48, 2012. Disponível em: <http://digibug.ugr.es/bitstream/10481/22299/1/vol03_03_jett_prendez_sanchez_serrano.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2017.

PRIMO, A.; SMANIOTTO, A. M. R. Comunidades de blogs e espaços conversacionais. **Prisma.com**, v. 3, p. 1-15, 2006.

QUAGLIO, E. M. H. Informática e mídias digitais: a contribuição da informática e mídias digitais como coadjuvantes da produção e aquisição do conhecimento. In: BELO, E. M; BATISTA, E. L.; FERREIRA, G. H. C. (Orgs.). **Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem**. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 207-222.

QUELUZ, A. G. Tempo. In: FAZENDA, I. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 141-142.

QUINTANA, A. M; ARPINI, D. M; PEREIRA, C. R. R; SANTOS, M. S. dos. A vivência hospitalar no olhar da criança internada. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Out/Dez; 6(4):414-423. ISSN 1677-3861 (impresso) e ISSN 1984-7513 (on-line). 2007. Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/3679/2678>>.
Acesso em: 21 jan. 2016.

QUINTERO, C. L.; SÁNCHEZ, J. L. S.; MENDOZA, A. M. F. M-learning en aulas hospitalarias: proyecto EDUMOBSPITALARIOS. In: **I CONGRESO INTERNACIONAL DE NECESIDADES ESPECÍFICAS DE APOYO EDUCATIVO**. Almería (Espanha). Novembro de 2014. Disponível em: <https://digitum.um.es/xmlui/bitstream/10201/41766/1/casta%C3%B1eda_serrano_ferrer.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2015.

RABELO, F. S. **Educação não escolar e saberes docentes na formação do pedagogo: análise de uma experiência no espaço hospitalar**. 184 p. 2014. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Curso de Mestrado Acadêmico em Educação, Fortaleza, 2014.

RANGHETTI, D. S. Afetividade. In: FAZENDA, I. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.87-89.

REIS, J. R. F. Cultura de Direitos e Estado: os caminhos (in)certos da cidadania no Brasil. In: MOROSINI, M. V.; REIS, J. R. F. **Sociedade, Estado e direito à saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

REQUENA, M. L. (2015). La escolarización hospitalaria como práctica de cuidado de los padecimientos de niños “gravemente enfermos”. **Argumentos: revista de crítica social**, 17, 281-303. Disponível em: <<http://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/argumentos/article/view/1323/1215>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

RIBEIRO, J. P.; LEAL, I. P. Psicologia clínica da saúde. **Análise Psicológica**. Lisboa. 4 (XIV), p. 589-599. 1996. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3834/1/AP_1996_4_589.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2017.

RIBEIRO, M. L.; JUTRAS, F. Representações sociais de professores sobre afetividade. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 23, n. 1, p.39-45, Mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 mar. 2016. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2006000100005>>.

RIBEIRO, M. L. S. Perspectiva da Escola Inclusiva: algumas reflexões. In: RIBEIRO, M. L. S.; BAUMEL, R. C. R. de (Orgs.). **Educação Especial: do querer ao fazer**. São Paulo: Avercamp, 2003.

RIBEIRO, W. M. Vivendo a escola no ambiente hospitalar. In: Encontro nacional sobre atendimento escolar hospitalar, 2000, Rio de Janeiro. **Anais. Rio de Janeiro: UERJ, 2000**. Disponível em: <<http://www.escolahospitalar.uerj.br/anais.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

ROSA, E. Z; ANDRIANI, A. G. P. Psicologia Sócio-Histórica: uma tentativa de sistematização epistemológica e metodológica. In: KAHHALE, E. M. P. et al. **A diversidade da psicologia: uma construção teórica**. São Paulo: Cortez, 2002.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RODRIGUES, J. M. C. **Classes Hospitalares**: o espaço pedagógico nas unidades de saúde. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

RODRIGUES, M. **Psicologia educacional**: uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976.

ROMÃO, J. E. Educação. In: ESTRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SAGGESE, E. S. R.; MACIEL, M. O brincar na enfermagem pediátrica: recreação ou instrumento terapêutico? **Pediatria Moderna**. v. 32, n. 3, p. 290-292, 1996.

SALINAS, J. I. **Innovación educativa y uso de las TIC**. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2008. ISBN: 978-84-7993-055-4. Disponível em: <<http://dspace.unia.es/bitstream/handle/10334/2524/innovacioneduc2008.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

SÁNCHEZ, J. L. S. **Herramientas telemáticas en aulas hospitalarias**: una experiencia educativa en la región de murcia. Tese Doutorado, área da Tecnología Educativa: Aprendizaje Virtual y Gestión del Conocimiento. Palma de Mallorca: Universitat de les Illes Balears. 2013. Disponível em: <<https://digitum.um.es/jspui/bitstream/10201/35643/1/tjss1de1.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

SÁNCHEZ, J. L. S; ESPINOSA, M. P. P. TIC para la mejora educativa en aulas hospitalarias. Pixel-Bit. **Revista de Medios y Educación**, n. 45, julio-diciembre, 2014, pp. 23-36. Universidad de Sevilla. Sevilla, España. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=36831300002>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

SÁNCHEZ, J. L. S; QUINTERO, L. C. Proyecto EDUMOBSPITALARIOS: desarrollo profesional docente e innovación con m-learning en aulas hospitalarias. **EduTec. Revista Electrónica de Tecnología Educativa**, [S.l.], n. 55, mar. 2016. ISSN 1135-9250. Disponível em: <<http://www.edutec.es/revista/index.php/edutec-e/article/view/641>>. Acesso em: 21 nov. 2016 doi: <<http://dx.doi.org/10.21556/edutec.2016.55.641>>.

SANCHO, J. M.; HERNÁNDEZ, F. **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANTOMÉ, J. T. **Currículo Escolar e Justiça Social**: o cavalo de Tróia na educação. Porto Alegre: Penso, 2013.

SÃO PAULO. (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Gestão da Educação Básica. Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE. **Atendimento educacional em ambiente hospitalar**/Secretaria da Educação, Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE; elaboração, Denise Rocha Belfort Arantes [... e outros]. - São Paulo: SE, 2014. 31 p. Disponível em:

<http://cape.edunet.sp.gov.br/cape_arquivos/Publicacoes_Cape/PUBLICACOES_8_CLASSE_HOSPITALAR.pdf>. Acesso em: 06 maio 2016.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1975.

SCHILKE, A. L. A ação educativa hospitalar que temos... a escola no hospital que queremos. In: AROSA, A. C; SCHILKE, A. L. (Orgs.). **A escola no Hospital: espaço de experiências emancipadoras**. Niterói: Intertexto, p. 33-45, 2007.

SCHLÜNZEN, E. T. M. **Mudanças nas práticas pedagógicas do professor: criando um ambiente construcionista contextualizado e significativo para crianças com necessidades especiais físicas**. 2000. 212 p. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. **Abordagem Construcionista, Contextualizada e Significativa: formação, extensão e pesquisa em uma perspectiva inclusiva**. 2015. 200f. Tese (Livre Docência). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente/São Paulo.

_____. **Baile Virtual**. 7 de agosto de 2015. 1 p. Notas de Aula.

_____. **Interdisciplinariedade**. 15 de apr de 2016. 1 p. Notas de Aula.

SCHLÜNZEN JUNIOR, K. **Aprendizagem, cultura e tecnologia: desenvolvendo potencialidades corporativas**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

SILVA, F. J. M. da. Ação educativa no hospital: desafios e possibilidades. In: **A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras**. Niterói: Inter texto, 2007.

SILVA, M. A Internet na escola e inclusão. In: ALMEIDA, M. E. B. de; MORAN, J. M. (Org.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005. cap. 1, artigo 1.8, p. 54-58. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SILVA, O. M. da. **A epopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e hoje**. São Paulo: Dedas, 1998.

SILVEIRA, E. **EAD Docência: Metodologia do Ensino Superior**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2008.

SOARES, M. S.; SANTAROSA, L. M. C. A Motivação de Crianças Hospitalizadas para o uso dos Ambientes Digitais/Virtuais de Aprendizagem. In: **WIE – XIII Workshop de Informática na Educação, 2007, Rio de Janeiro**. Anais do XIII Workshop de Informática na Educação, 2007.

SONTAG, S. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, A. M. A formação do Pedagogo para o trabalho no contexto hospitalar: a experiência da Faculdade de Educação da UnB. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 17, n. 33, p. 251-272, maio/ago. 2011.

SOUZA, L. E. Prefácio. In: VIEGAS, D. (Org.). **Brinquedoteca Hospitalar: isto é humanização**. Rio de Janeiro: Wak, 2007, p. 13-14.

STIELTJES, C. Prefácio. In: TAAM, R. **Pelas trilhas da emoção: a educação no espaço da saúde**. Maringá: Eduem, 2004.

SZPICZKOWSKI, A.; HENRIQUES, L. Transitando pela saúde e pela educação: ampliando as possibilidades da psicopedagogia. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v.15, n. 12, p. 88-105, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542007001100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 set. 2017.

TAAM, R. **Assistência Pedagógica à Criança Hospitalizada**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2000.

_____. **Pelas trilhas da emoção: a educação no espaço da saúde**. Maringá: Eduem, 2004.

TAJRA, S. F. **Informática na Educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade**. São Paulo: Erica, 2001.

TORRALBA, F. **El sofriment. Un nou tabú?** Claret, Barcelona, 1995.

TORRES, P. L. **Laboratório online de aprendizagem: uma proposta crítica de aprendizagem colaborativa para a educação**. Tubarão: Ed. Unisul, 2004.

_____. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem Eureka@Kids. **Cad. CEDES**, Campinas, v.27, n.73, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622007000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 mar. 2015. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000300006>>.

TRILLA, J. A. **La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social**. Barcelona: Ariel, 1996.

_____. A educación non formal e a cidade educadora. Dúas perspectivas (unha analítica e outra globalizada) do universo da educación. **Revista Galega do Ensino**. Especial: A educación no século XX – unha análise panorâmica. Núm. 24, setembro, 1999, p. 199 - 221. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/OCE/docs/a_educacion_non_formal.pdf>

TYLER, R. W. **Princípios básicos de currículo e ensino**. São Paulo: Globo, 1974.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien (1990). PDF, 1998. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>> Acesso em: 12 fev. 2016.

VALENTE J. A. (Org.). **Liberando a mente: computadores na educação especial**. Campinas: Unicamp, 1991.

_____. O uso inteligente do computador na educação. NIED – UNICAMP - Texto publicado na: **Pátio - revista pedagógica**. Editora Artes Médicas Sul. Ano 1, Nº 1, 1997a, p.19-21.

_____. Visão analítica da informática na educação no Brasil: a questão da formação do professor. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, v. 1, n. 1, set 1997b.

_____. **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas,SP: UNICAMP/NIED, 1999.

VELETSIANOS, G. (2010). A definition of emerging technologies for education. In: Veletsianos, G. (Ed.) **Emerging technologies in distance education**. Athabasca, CA: Athabasca University Press, p. 3-22. Disponível em: <<http://www.veletsianos.com/2008/11/18/a-definition-of-emerging-technologies-for-education/>> Acesso em: 15 abr. 2017.

VIEGAS, D. As perspectivas da Brinquedoteca hospitalar no Brasil. In: VIEGAS, D. (Org.). **Brinquedoteca Hospitalar: isto é humanização**. Rio de Janeiro: Wak, 2007, p. 167-168.

VIEIRA, E. A política e as bases do direito educacional. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 21, n. 55, p.9-29, nov. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 jul. 2016. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622001000300002>>.

VITA, V. Fazendo arte no espaço hospitalar. In: AROSA, Armando C.; SCHILKE, A. L. (Orgs.). **A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras**. Niterói: Intertexto, 2007. p. 135- 146.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto et al. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZAIAS, E.; PAULA, E. M. A. T. A produção acadêmica sobre práticas pedagógicas em espaços hospitalares: análise de teses e dissertações. **Revista Educação Unisinos**, São Leopoldo, v.14, n.3, p. 222- 232, 2010.

ZULIAN, M. S.; FREITAS, S. N. Formação de professores na educação inclusiva: aprendendo a viver, criar, pensar e ensinar de outro modo. **Cadernos de Educação Especial**. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação. Departamento de Educação Especial. Laboratório de Pesquisa e Documentação – LAPEDOC –. v. 2 (2001), n. 18 (2001), 112 p., Santa Maria.

WEFFORT, M. F. Educando o olhar da observação. In: **Observação, Registro, Reflexão: instrumentos metodológicos I**, Série Seminários, 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.